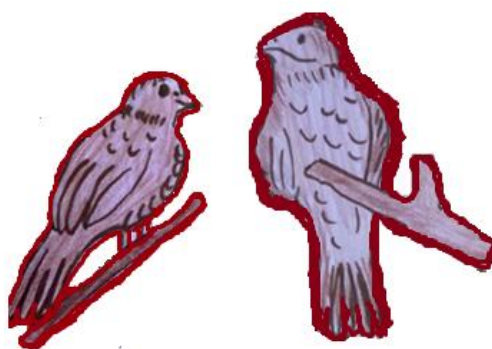


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE EDUCADORES INDÍGENAS**

ARIANE JESUS DOS SANTOS

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS TRADICIONAIS
DO POVO PATAXÓ NA RESERVA DA JAQUEIRA:
A ORALIDADE ATRAVÉS DOS TEMPOS**



Belo Horizonte, MG
Maio, 2016

Ariane Jesus dos Santos

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS TRADICIONAIS
DO POVO PATAXÓ NA RESERVA DA JAQUEIRA:
A ORALIDADE ATRAVÉS DOS TEMPOS**

Percurso acadêmico apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Línguas, Artes e Literatura, pela Formação Intercultural de Educadores Indígenas.

Orientador: Josiley Francisco de Souza
Co-orientadora: Arissana Braz Bonfim

Belo Horizonte, MG
Maio, 2016



AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me ajudado e preparado pessoas a me orientar e ajudar nessa pesquisa.

Agradeço a minha família em especial ao meu pai que sempre foi o meu motivador, sempre me ajudou e viu em mim a chance de realizar seu sonho de ter uma formação superior.

Aos meus professores, pelo carinho, dedicação e puxões de orelha de vez em quando, aos meus colegas pela troca de conhecimento e ajuda com meu filho nessa reta final, ao meu amigo e companheiro de vida por me aturar em meus momentos de agonia e nervosismo que tive quando este momento de defesa estava chegando, a minha comunidade que viu em mim a chance de contribuir com novos conhecimentos e de mostrar um pouco da história do meu povo para o mundo não indígena, aos meus amigos não índios que conheci aqui em Belo Horizonte, aos bolsistas que diversas vezes deixaram de comer ou dormir para ficar aqui conosco nos ajudando e contribuindo para a realização deste sonho, aos meus amigos que se disponibilizaram a me substituir na escola nos períodos em que eu precisei vir para cá.



RESUMO

A contação de histórias foi foco deste trabalho. A importância de estudar esse tema foi o entendimento que o mundo indígena da contação de história é constituído por elementos que congregam os tecidos por conhecimentos que ficam dentro da gente. Meu objetivo neste percurso é entender e analisar as contações de histórias que ainda circulam na comunidade, e assim incentivar as crianças e os jovens a se interessarem mais por essas histórias do povo Pataxó, visando fortalecer a cultura e a identidade étnica e produzir material educativo específico para contribuir para a circulação da contação de história. A contação de história pode nos ajudar a compreender parte do nosso mundo, porque elas carregam em si as nossas histórias através do tempo. O que posso apontar como resultado do meu trabalho foi tomar mais contato com as histórias do meu povo, muitas delas estão sendo esquecidas ou adormecidas. É colocar a contação de história em movimento, ainda recuperar a contação de história na escola e na comunidade. Principalmente levando em consideração que os contadores de histórias, em especial, os anciãos que compartilham seus conhecimentos por meio da oralidade através dos tempos, se dispõem a contar as histórias no nosso povo com muito gosto. Além disso, vejo que devemos aproveitar para pesquisar as histórias com os anciãos enquanto eles estiverem vivos, porque quando vão para o *Ithorã*, eles levam essas histórias com eles, e com isso, nós perdemos muito dessas histórias. Nós perdemos culturalmente porque a contação de história contorna nossa cultura, e também porque como constatei, nossa cultura está sempre sendo reelaborada, por que os tempos mudam e nós os acompanhamos com suas mudanças de mundo. Mas, sempre enraizados em nossa maneira de viver o mundo. A partir dessa compreensão nós poderemos acompanhar o rumo que seguiremos nos tempos. Assim produzir materiais educativos pode nos trazer contribuições efetivas para um ensino e aprendizagem contextualizado, levando em conta o que acontece na nossa realidade da Jaqueira. Desse modo, o material educativo que escolhi para uma ilustração do potencial que podemos desenvolver com as histórias, por meio da contação de histórias, foi intitulado “contando histórias pataxó na comunidade da Jaqueira”. Que se refere à contação de história do ‘bacarau e mãe da lua’. A intenção é que esse livro sirva para o processo educativo na escola. Acredito que produzir materiais educativos específicos para a escola indígena reforçam nossa educação própria e também pode contribuir e repercutir nas outras escolas indígenas e demais escolas da sociedade nacional.

Palavras-chave: Contação de histórias. Material Educativo específico para escola indígena. Cultura. Povo Pataxó da comunidade da Jaqueira.

Sumário

APRESENTAÇÃO	6
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 MEU POVO, MINHA ALDEIA	13
1.1 A aldeia Reserva Pataxó da Jaqueira em meu ponto de vista quando criança	15
1.2 Reserva da Jaqueira atualmente	17
CAPÍTULO 2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA COMUNIDADE DA JAQUEIRA	24
2.1 Como é a contação de história na comunidade	24
2.2 Os lugares em que mais circulam a contação de história	28
2.3 A trilha da Lagoa Seca	28
2.4 Rodas de conversa	29
2.5 No momento da coleta de sementes	30
2.6 Os contadores da contação de história	30
2.6.1. <i>Sr. Imburé</i>	31
2.6.2 <i>Jandaia ou Célia da Conceição</i>	32
2.6.3 <i>Nitxinawã</i>	33
2.7 As histórias contadas	34
2.7.1 <i>A história da Amesca</i>	34
2.7.2 <i>O Bacurau e a mãe da Lua</i>	38
2.7.3 <i>As três irmãs: a aranha, a mosca e a abelha</i>	40
2.7.4 <i>Araçá cagão</i>	40
2.7.5 <i>Cipó de Aviso ou Cipó Cruz de Malta</i>	41
CAPÍTULO 3 A PROPOSTA DO MATERIAL EDUCATIVO ESPECÍFICO PARA A ESCOLA INDÍGENA DA RESERVA: O LIVRO ‘CONTANDO AS HISTÓRIAS DO POVO PATAXÓ NA COMUNIDADE DA JAQUEIRA’	42
3.1 Materiais educativos específicos para escola indígena	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	56



APRESENTAÇÃO



Antes de lhes apresentar a minha pesquisa, eu gostaria de falar sobre minha formação como professora indígena em nível superior.

Quero apresentar um pouco da trajetória da minha caminhada devida até a universidade.

Sou conhecida na minha aldeia com o nome de Tamihuá (que na língua indígena significa estrela do mar), sou do povo Pataxó, moro nas aldeias: Coroa Vermelha que fica no município de Santa Cruz Cabralia na Bahia-BA, e também na Reserva Pataxó da Jaqueira que se situa no município de Porto Seguro-BA.

Sempre morei em aldeias e sempre vivi da pesca, agricultura e vendas de artesanatos, aprendi a trabalhar muito cedo, ajudava minha família a fazer artesanatos, o meu pai e minha mãe são artesões. Morávamos em uma casinha pequena, porém bem acolhedora, e em nossa casa sempre tinha vaga para mais um (como é do costume indígena). Sou a mais velha entre 7 irmãos, hoje tenho 26 anos.

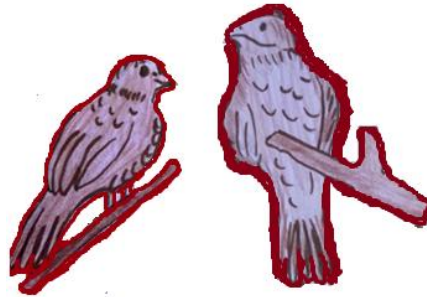
Eu sempre gostei de estudar, comecei com 7 anos no ensino fundamental e concluí com 18 o ensino médio. Logo após ter terminado o ensino médio eu tentei o vestibular para um curso técnico na área de informática, no antigo CEFET, hoje Instituto Federal da Bahia (IFBA), em Porto Seguro-BA, e consegui passar, mas no decorrer do curso tive dificuldades com uma das disciplinas chamada 'lógica de programação'. Repeti um semestre dessa disciplina, então resolvi deixar o curso. Mas minha vontade de estudar continuou, então, resolvi fazer o vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na área de medicina, porém não consegui ser aprovada. No ano seguinte fui para sala de aula na escola da comunidade Reserva da Jaqueira, diante disso, tive vontade de fazer um curso de formação como professora que me ajudasse a ampliar os conhecimentos e, desse modo, aprofundasse no ensino e aprendizagem em sala de aula com meus alunos e demais membros da comunidade.

Assim, fiz o vestibular novamente, mas dessa vez para o curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, na Faculdade de Educação da UFMG, na habilitação de Línguas, Artes e Literatura. Entrei no curso no segundo semestre de 2012.

Em todo meu processo educativo no FIEI o meu pai foi uma valiosa contribuição, pois ele fez o possível para me ajudar, e estava vendo em mim o sonho que ele tinha quando mais jovem de possuir uma formação superior.

A vida aqui em Belo Horizonte não foi fácil, diferente de minha comunidade, quando não era muito frio, era muito calor, eu tinha até dificuldade para respirar, com o tempo tive sinusite, fortes enxaquecas, mas curei tudo isso na aldeia, a saudade da família e amigos é grande, a comida é estranha aos nossos costumes. A forma com que as pessoas conversam é diferente, a cultura também. Entretanto, entre tantas coisas que vivi, fiz novos amigos, conheci novos lugares e tenho aprendido muitas outras coisas do outro mundo estranho ao meu.

Em meio a tantos acontecimentos, mudanças e aprendizados o meu grande amigo deixou de ser só amigo e passou a ser meu companheiro de vida. Aconteceram coisas tristes, mas também coisas boas. Hoje tenho a felicidade de sentir um amor diferente e sei como é ser mãe, que é uma das minhas maiores conquistas. Outro acontecimento muito importante é poder concluir o meu curso, e retornar a minha comunidade e colocar em prática tudo que aprendi e o que vou aprender ainda mais. Pois, na minha aldeia todos estão me esperando ansiosos e curiosos para ouvir minhas histórias, e lhes compartilhar o que pude aprender em todo esse tempo aqui.





INTRODUÇÃO



Este trabalho dialoga com o campo de estudo da Educação Escolar Indígena. Assim, procurei neste percurso acadêmico, mostro alguns entendimentos e reflexões sobre a contação de história na comunidade da Jaqueira, município de Porto Seguro, no sul da Bahia.

Minha ideia em estudar esse tema surgiu a partir do meu interesse como professora, com 6 anos de docência, e trabalho com a educação infantil. Assim, a escolha desse caminho de pesquisa para contar a importância das histórias do meu povo, a princípio, buscou refletir que esse tema poderia me auxiliar, baseada em minha própria trajetória docente.

Minha inquietação surgiu da minha observação de como as crianças e os jovens se portavam diante da contação de história. Pois, no âmbito da escola há a prática de contação de histórias às crianças e jovens.

Então, percebi que, durante a contação de história, muitas das crianças e dos jovens não prestavam atenção ao que estava sendo contado pelo ancião, ficavam de conversas paralelas, levantavam do local, saíam e não voltavam mais.

Em razão dessa percepção, foi que escolhi pesquisar o tema de contação de história, mais propriamente voltada à reflexão de como as crianças e os jovens podem interessar mais para viver a contação de história do nosso povo e, por meio delas, se formarem dentro da nossa cultura.

Desse modo, o foco da análise volta-se para as crianças e os jovens, porque atualmente eles estão tendo muitas influências para os assuntos de fora da aldeia, e também porque se eles se interessam somente por algumas histórias do povo pataxó, como a história da 'caipora', acredito que seja porque ela envolve aventuras, que talvez desperte mais seus interesses. Porém, as outras histórias também são importantes para a formação e o fortalecimento da nossa cultura. Percebi que ao longo dos anos e com a chegada de outros elementos de outras culturas alheias a nossa, muita coisa mudou nas formas de contar as histórias, há a resistência à contação de histórias, porém de maneiras diferenciadas. As crianças e os jovens nem sempre valorizam os conhecimentos tradicionais que trazem os nossos anciãos, eles se prendem às modernidades e se afastam de suas origens.

Seguindo o pensamento de Bedran (2010, p. 13) as histórias do povo "se entrelaçam com a pesquisa, com a memória e com a criação". Entendo essa pesquisa sendo meu percurso

acadêmico, mas a memória é a dos contadores¹ das histórias do povo Pataxó na comunidade, assim, a criação pode ser aqui entendida em dois aspectos: por um lado, a criação ou reelaboração das histórias do povo pelos contadores, de outro lado, a criação ou reelaboração dessas histórias em minha prática pedagógica.

Para isso, esse trabalho se propõe a investigar quais as histórias são mais contadas, por quem elas são contadas, e em que lugares elas mais circulam. Com essas informações em mãos proponho a elaboração de um material educativo, que seria um livro que ilustrasse uma das histórias do nosso povo. Para que, futuramente, com a recolha de mais histórias através da contação de histórias esse livro seja constantemente alimentado, e ele possa circular entre as crianças, os jovens, e posteriormente para toda a comunidade.

Para entender melhor o tema deste percurso, ou seja, o significado de ‘contação’ recorro ao que o autor Vargas argumenta que é uma “palavra comumente usada para definir o ato de contar histórias, narrar, [...] onde existe a figura do contador de histórias dando voz a [...] histórias (VARGAS, 2008). Expressando a contação de história, de modo geral, Cesar et al. (2008, p. 28) registram:

A contação de histórias é uma atividade lúdica que desperta a curiosidade e o interesse da criança (e dos jovens) [...] (o) ato de contar histórias como importante para o processo de formação [...] as narrativas de histórias na educação infantil constituem-se em uma prática indispensável por potencializar o processo de ensino aprendizagem de forma prazerosa e ampliar a visão de mundo do educando.

Com esse entendimento, podemos localizar aqui os desafios para motivar as crianças e os jovens a terem uma participação ativa na contação de história para que eles vivam concretamente a cultura indígena, pois eles fazem parte da grande teia de todas as coisas que acontecem na comunidade, e saibam como seu povo se formou nos tempos antigos e, com base nele, como se forma nos dias de hoje.

Diante desses argumentos, as questões de pesquisa deste trabalho consistem em: em que medida a contação de história pode se tornar interessante para motivar mais as crianças e os jovens? Como fazer com que isso aconteça? Em que momento a contação de história pode ser narrada para se tornar mais interessante às crianças e aos jovens? A escola pode contribuir com essas questões?

Desta maneira, as razões que justificam este trabalho são de ordem da experiência vivida em meu desempenho como professora. Sendo que vejo como relevante que este

¹ Estou me referindo a ‘contadores’ as pessoas que contam as histórias do povo pataxó na comunidade da Jaqueira. Independentemente se eles fazem palestras, são monitores, são anciãos, ou outras pessoas.

trabalho seja uma contribuição para que as crianças e os jovens possam se interessar cada vez mais pela contação de história do nosso povo, em particular na escola, mas também em outros locais, e talvez se estenda para toda a comunidade. Ressalto que a contação de história já acontece na vida prática da comunidade e também na escola.

Fora da escola a contação de história é feita de forma não programada, sem antecedência, e pode acontecer quando, por exemplo, eu levava meus alunos para ouvirem a contação de história nas palestras e com monitores.²

Os locais em que, geralmente, acontecem a contação de história são no *kijeme*³ grande (casa central onde acontecem as palestras), e em outros locais do território como: no campo de futebol perto da escola, no trajeto da trilha da lagoa seca (local muito importante para nós), nas rodas de conversa quando estamos confeccionando artesanatos, na ocasião em que coletamos as sementes para fazer o artesanato e fazer mudas para o reflorestamento do território, no caminho do rio Tinga, nas casas das famílias, e também na própria escola. Mas, é importante frisar que muitas vezes os monitores contavam as histórias somente para os alunos da escola.

Na comunidade da Jaqueira nós trabalhamos com o etnoturismo. Só a título de esclarecimento, o etnoturismo para nós é mais que uma fonte de renda. Assumo neste trabalho que os momentos de contações de histórias, como salientei acima, podem fortalecer a nossa cultura Pataxó, não se restringindo somente aos visitantes, mas para as crianças e jovens que participam desses eventos.

Podemos aqui fazer uma articulação da contação de história que são contadas tanto para os visitantes como para as pessoas da comunidade, esse convívio, reciprocidade, conflitos intrínsecos às relações culturais, podem ser momentos de aprendizagem e de quebra de fronteiras e trânsito (TASSINARI, 2008).

Assim, há a importância em se perpetuar a contação de história do nosso povo, não só para as pessoas que vivem na comunidade, como também para os visitantes que adentram a comunidade pelo etnoturismo. Assim, esses visitantes podem saber, por exemplo, que ainda existem índios, que somos seus contemporâneos, como vivemos, e pelos quais processos históricos nós passamos desde a colonização até os dias atuais. Isso é passado para esses visitantes na contação de história, nas palestras e nos outros lugares em que eles visitam. Essa

² Chamamos de ‘palestrantes’ as pessoas que fazem as palestras no *kijeme* grande. Esse local localiza-se no centro da aldeia. E é nele que além da contação de histórias acontecem também os rituais. E chamamos de ‘monitores’ as pessoas que levam os interessados para conhecerem outros lugares do território.

³ *Kijeme* significa na língua pataxó casa.

explicação é ilustrativa, porque não vou estudar, neste percurso, sobre a contação de história para os visitantes.

Por isso o objetivo principal da Jaqueira é transmitir a cultura e a história Pataxó para as novas gerações. Quando conseguimos o terreno, percebemos que se fizéssemos o ecoturismo a Reserva da Jaqueira poderia se tornar uma fonte de recursos para o grupo. Mas isso é apenas uma consequência. O que mais importa é a preservação da natureza e da cultura. É por isso que a Reserva da Jaqueira não é só para os turistas, pois tudo isso que você está vendo aqui não faz sentido se não for, primeiro, para a gente. Todos são voluntários, por isso você não vê muitos homens adultos aqui, eles precisam sustentar a família. Também o nosso objetivo não é o dinheiro, pois o dinheiro que entra aqui só dá para manter a Reserva, que não se mantém com ajuda do governo ou coisas assim não. Ela se mantém com o turismo e com a venda do artesanato. E a gente conseguiu tudo isso (CASTRO, 2008, p.28).

Diante disso, o meu objetivo neste percurso é entender e analisar as contações de histórias que ainda circulam na comunidade, assim incentivar as crianças e os jovens a se interessarem mais por essas histórias do povo Pataxó, visando fortalecer a cultura e a identidade étnica e produzir material educativo específico para contribuir para a circulação da contação de história.

Com o resultado da pesquisa, talvez eu possa em minha prática pedagógica inserir em meu planejamento pedagógico atividades que possam contemplar ainda mais a contação de história na escola. Portanto, pensei que uma das formas de despertar mais o interesse das crianças e jovens é o de produzir materiais educativos específicos para a escola indígena, com as histórias que mais circulam na nossa comunidade. A partir dessa perspectiva possivelmente também os outros membros da comunidade possam também passar a se interessar mais por esse tema.

Com isso, acredito que a contação da história tenha constância e ampla circulação entre nossas crianças e jovens, e de outras faixas etárias. Nesse sentido, a contação de história permite também que os moradores da comunidade se vinculem continuamente com as tradições culturais e processo de revitalização e valorização da língua *Patxôhã*.⁴ Assim, tanto a cultura Pataxó como sua língua está cada vez mais valorizada em nossa comunidade. Adentra a escola indígena, buscando também ter uma educação própria com professores formados na perspectiva de sua realidade e especificidades do próprio povo, buscando suas próprias práticas pedagógicas, um conhecimento contextualizado, e, assim, podendo contribuir com a discussão e a reflexão sobre a construção de uma educação própria. E para colaborar com essa

⁴ A Língua Patxôhã é a língua indígena Pataxó falada em nossa comunidade.

especificidade das escolas indígenas, proponho a produção de livros educativos elaborados pelos próprios alunos e professores.

Isso porque percebo que a educação escolar indígena se encontra, hoje, com uma proposta curricular imposta pela gestão da Secretaria Municipal de Educação de Porto Seguro, com, por exemplo, o preenchimento de diário. Apesar de termos uma Diretoria que cuida de assuntos das escolas indígenas. Em relação ao currículo já vem preestabelecido por essa instituição, desse modo, essa proposta curricular não atende no seu todo à diversidade, à demanda e principalmente à legislação da Educação Escolar Indígena e, assim, interfere na organização e nas práticas educativas, na forma de avaliar, entre outros aspectos. Mas como forma de luta e resistência, de certo modo, vamos adequando essa proposta curricular à nossa realidade, mas isso não serve como vimos acima, para todas as determinações decretadas pela Secretaria.

A metodologia empregada neste percurso foi a abordagem qualitativa, que oferece à pesquisadora a possibilidade de estar em relação próxima com o contexto investigado, e ver nesse contexto as circunstâncias onde ocorrem as experiências estudadas (BOGDAN; BIKLEN, 1982).

Foram feitas também entrevistas informais. Essas entrevistas foram mais parecidas com uma conversa, que tiveram a finalidade de perceber quais as histórias que eram contadas na escola e em outros locais da comunidade e quais as histórias eram mais contadas. As entrevistas podem ajudar numa melhor compreensão das informações coletadas e posteriormente serem analisadas (GIL, 1991). E ainda um mapeamento dos locais onde são contadas essas histórias, o uso de fotografias e desenhos, o registro das histórias contadas por meio de gravador.

Os sujeitos deste estudo foram dois anciãos, dois professores, três lideranças e o pajé, todos os sujeitos pertencentes à comunidade Jaqueira.

E também utilizamos a pesquisa bibliográfica sobre o tema estudado me ajudou a compreendê-lo melhor e auxiliou na análise dos dados coletados.



CAPÍTULO 1 MEU POVO, MINHA ALDEIA



O meu povo é o povo Pataxó. Um povo guerreiro que vem resistindo a tantas coisas ruins que às vezes até eu penso como pode um povo resistir e lutar com tanta persistência. Para muitas pessoas da sociedade nacional, nós nem existimos mais. Assim, me pergunto como não existimos se estamos aqui? Se somos o dono destas terras e formamos parte da história do Brasil? Vivemos na contemporaneidade dos outros povos que habitam este país? Se estamos na universidade participando do mesmo espaço e da formação que essa instituição tem como função social oferecer a todos os brasileiros?

Por parte da grande maioria das pessoas das outras sociedades, não temos o reconhecimento e o respeito pelo nosso modo de viver. E lutamos contra a ideia de discriminação e denegação por sermos índio. Por isso, reafirmamos: nós existimos e fazemos questão de deixar nossa marca por onde passamos. Isso inclui a universidade.

Antigamente, o meu povo era um povo livre, que ia e vinha para onde quisesse. Nós tínhamos tudo, nossa base de alimentação eram frutas, raízes, caças e mariscos. Plantávamos e colhíamos e assim vivíamos sempre em lugares diferentes, éramos chamados de nômades, nossas casas eram choças de palha e madeira, nossa cama chamavam de tarimbas, nossos cobertores eram brasas e/ou fogueiras, as vestes ou como chamamos ‘*tupsay*’ eram feitas com a entrecasca da árvore da biriba.

O meu povo caminhava pela beira de praia do rio em São Mateus no Espírito Santo até o rio de Belmonte. Fazíamos nossos rituais à beira do mar, depois voltávamos para o centro da floresta, somos um povo muito bom no arco e na flecha, e isso garantia a caça e também servia para a nossa defesa, quando encontrávamos outros povos mais bravos (CARVALHO, 2009; SAMAPIO, 2000).

A floresta era e continua sendo nosso refúgio, quando alguém ficava doente era da mata que tirávamos o remédio, o pajé tem todo um conhecimento sobre as ervas medicinais, preparava os banhos, as rezas e curava as enfermidades do corpo e do espírito. Os anciãos ensinavam os mais novos a plantar e cultivar a terra, e ensinavam a época certa de tirar madeira para as construções, a lua certa para fazer o roçado ou dar remédio, ou irem ao

mangue pegar caranguejos, mariscos e até mesmo pescar, o calendário do meu povo era a lua, assim eles iam se orientando e se organizando no tempo.

Depois de muitos anos o meu povo teve contato com o não índio, isso aconteceu com a colonização, assim, o meu povo fazia trocas com os não índios, trocava bolas de cera de abelha em um povoado hoje chamado de Prado, uma cidadezinha do sul da Bahia e linhas de tucum, "os não índios lhes dava tecido e sal, assim eles iam vivendo". (WIED-NEUWIED, 1989, p.214).

Ao longo da colonização, que nos escravizou, subjugou, e pretendeu sempre nos assimilar à sociedade nacional, os não índios impuseram que meu povo ficasse limitado a uma tirinha de terra, porque eles invadiram nossos territórios, em diversas épocas e com diferentes motivos. Além de fazer o aldeamento do povo Pataxó que chamaram de Bom Jardim na aldeia Barra Velha, nos agruparam aos arredores do Monte Pascoal. Pois, ali que era terra fértil e, assim, favorecia o plantio e a agropecuária nas fazendas que ali foram formadas, com as nossas terras (VILHENA, p.535 citado por CARVALHO, 2009).

A partir de então nós não podíamos mais caçar, pescar, nem fazer nossas plantações, o monte Pascoal é para meu povo local sagrado, nós não podíamos passar nem perto, os não índios colocaram policiais e cercaram para impedir que meu povo entrasse para caçar ou fazer qualquer outra coisa. Porque colonizadores também transformaram nosso território sagrado no Parque Nacional do Monte Pascoal. No momento da criação do Parque aconteceu o massacre que é conhecido por "*Fogo de 51*". Os pataxó de Barra Velha foram violentamente massacrados, mortos, dizimados, expropriados de suas terras, foram obrigados a se abrigarem na mata ou mudarem de território, em 1951, daí esse nome. Ficamos impedidos de andar livremente por nosso território, nem mesmo, para os que lutaram e resistiram em permanecer no território não podíamos fazer nossa roça para nossa subsistência (SILVA, 2012; SAMPAIO, 2000).

Nessa época, meu povo foi forçado e foi obrigado a deixar de falar nosso idioma originário, os não índios diziam que iam cortar as nossas línguas se comunicássemos por ele. Então nós tivemos que aprender a falar o português. Nós fomos massacrados de tantas formas e penso, que nem sei qual dos episódios da nossa história é pior. Portanto, ao longo dos anos, o português passou a ser nossa primeira língua, como citei não porque escolhemos, mas porque fomos forçados a falá-lo em nosso cotidiano. Dessa forma, nossa língua foi se perdendo pouco a pouco. "Todavia, um grande esforço está sendo desenvolvido para a reconstrução do *Patxohã* - "Língua de Guerreiro" (BOMFIM, 2012, p. 11).

Nesse sentido, uma grande pesquisa está sendo empreendida por um grupo de jovens que deram início onde eles, com ajuda de muitos anciões, puderam recuperar muitas palavras do nosso vocabulário, e assim nos ajudar a ter nossa língua de volta.

O vocabulário ainda dominado pelos mais velhos passou a ser compartilhado e ensinado na Escola Indígena Pataxó de Barra Velha pelos primeiros professores de cultura, Arawê e Itajá. [...] a partir do vocabulário registrado por cronistas e viajantes. O Grupo de Pesquisadores Pataxó, que desde 1998 se dedica ao estudo da língua, refere ao “processo de retomada da língua pataxó”, do qual têm participado todas as gerações, entendendo-o como o processo dinâmico e coletivo, experimentado por essa língua no decorrer da história e da vida do seu povo (BOMFIM, 2012, p. 64, 11).

Esse grupo de jovens se empenha muito para termos hoje um grande acervo de palavras. As palavras já coletadas chamamos hoje de Manual, onde podemos reconhecer muitas delas são ouvir, por exemplo, nosso avô, tios ou de algum ancião falando a mesma palavra. Então podemos notar que já estavam ali, como nos cantos, mas nós não prestávamos muita atenção nelas. E não valorizávamos tanto, porém hoje depois que a gente começa a prestar mais atenção e ter o Manual a nos ajudar a identificá-las, fica mais fácil praticá-las no cotidiano. É necessário o uso constante para que elas não se percam mais.

Depois de muita pesquisa e reuniões com lideranças e anciãos para analisar esse manual, ele foi impresso e distribuído para muitas comunidades pataxó, onde ali as lideranças lutaram para que o *Patxôhã*, nossa língua, fosse incluída na grade curricular das escolas indígenas. Depois de muita luta e reuniões, brigas, discussões e propostas, nós, finalmente conseguimos e hoje temos uma matéria específica de *PATXÔHÃ*, onde aprendemos a escrita e pronúncia das palavras, aprendemos a formar frases, a manter um diálogo. Já podemos compor músicas na nossa língua, entre muitas outras coisas. E assim nós vamos praticando cada vez mais o *Patxôhã* em nossas comunidades, na esperança de que daqui a algum tempo nós possamos dizer que temos e falamos fluentemente nossa língua, o *Patxôhã*.

1.1 A aldeia Reserva Pataxó da Jaqueira em meu ponto de vista quando criança

Na aldeia onde fiz minha pesquisa, a Reserva Pataxó da Jaqueira, todos os parentes que moram lá, atualmente, viviam antes na aldeia Coroa Vermelha. A Reserva foi criada em uma área onde há muitas árvores, rio e muitos animais, mas nós só fomos para lá porque Coroa Vermelha já estava perdendo sua característica de aldeia, por estar mais focado em um lugar turístico, onde há supermercados, farmácias e principalmente por conter grandes hotéis

ao redor, e casas já construídas de alvenaria. Então, juntamos alguns indígenas que queriam ter um local onde pudéssemos realizar nossos rituais com tranquilidade e fazer nossas moradias, contar nossas histórias, brincar e cultivar a terra, com mais liberdade.

O local por sua vez estava sendo destruído, estavam retirando barro, desmatando a floresta, assoreando o rio. Os que se diziam donos, a empresa Góis Cohabita, só queria explorar a terra e a natureza. A minha avó contava que antes, quando ela era bem jovem, ainda eles viviam livres naquele local, e lá eles já haviam morado. Então isso serviu para que um grupo se deslocasse e fosse até lá.

Eu me lembro bem da nossa ida. Eu tinha uns 8 anos, isso foi em 1997. Chegamos, entramos e montamos nossos *kijemes*,⁵ que não eram como os de hoje. Eu estava lá com minha avó, primos, tios, amigos e muitas outras pessoas da comunidade, lideranças já bem cansadas, outros que estavam se preparando para a luta. Durante a noite, nós, as crianças, íamos sentar em volta da fogueira para ouvir as histórias, e pouca coisa eu me lembro dessas histórias, porque na maioria das vezes eram histórias de lutas ou de terror, e isso doía em mim ou me dava muito medo. Brincávamos de roda, cantávamos e dançávamos em volta da fogueira, quando o sono chegava lá pelas tantas da noite, íamos dormir, todos com os pés com a poeira até as canelas.

Quando o dia chegava e com ele aquelas nuvens finas com um pouco de frio, nós, os pequenos íamos para o rio que fica logo abaixo no pé da ladeira, com água transparente e atrativa. Mas quando entrávamos, ela parecia que ia congelar nossos ossos de tão gelada, um ar gelado corre aqui e ali, mas logo estávamos dentro do rio. Voltávamos tremendo de frio e muito molhados, mas sabíamos que quando chegássemos, iríamos encontrar uma vasilha grandona de chá quentinho nos esperando e pedaços de beiju ou farinha (até hoje gosto de chá com farinha).

Mas às vezes não tínhamos nada para comer, comida é que era pouca para tanta gente, mas nós colocávamos farinha, aí rendia um pouco mais. Quase não se tinha mais caças por ali, o pouco que ainda restava estava sendo preservado para que não sumisse de vez. Para alimentarmos ficávamos esperando algum adulto trazer jaca ou colher mangas, minha avó providenciava o almoço, ela ia até a praia, nos recifes que tem lá perto e de lá trazia marisco e caranguejinhos. Nós assávamos e comíamos. O tempo ia passando, o pessoal foi limpando o local, e já podíamos ver que havia pés de jaca, coco, tangerina, caju, araçá cagão, entre outros.

Com todas as dificuldades encontradas, muitas famílias retornaram para Coroa Vermelha, porque lá o comércio era melhor, eles tinham como vender seus artesanatos, e ter

⁵ Casas.

recursos para manter suas famílias. Porém, minha família permaneceu na Jaqueira e resolvemos preservar e cuidar da mata que ainda tínhamos, do rio e das poucas caças que ainda nos restavam.

Não me lembro bem, mas no ano seguinte da minha chegada à Jaqueira, alguém esteve lá, acho que era um antropólogo e fez uma pesquisa. Por seus estudos ficou provado que aquele local era nosso no passado, era território Pataxó, eles encontraram vestígio de uma moradia de taipa, restos de vasilhas de barro, vestígios de mariscos em meio à terra e todos já bem antigos.

As lideranças da Reserva da Jaqueira viajavam várias vezes, foram muitas idas e vindas até a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), e que às vezes não resultavam em nada. Era como se eles não dessem importância a nossa luta por demarcação da nossa área, e por diversas vezes nossos anciões passavam todo tipo de necessidades nessas viagens. Tudo isso para que nós tivéssemos essa terra homologada e nossos direitos fossem assegurados. Diante disso, o território Reserva da Jaqueira foi homologado como Terra Indígena no final de 1998. Mas isso só foi possível depois de muita luta e persistência de nosso povo. Entretanto, isso aconteceu com as lutas e persistências o resultado positivo de nossa demarcação se concretizou. Nossa reserva tem hoje 827 hectares (MANUAL DAS ATIVIDADES DE ETNOTURISMO NA RESERVA DA JAQUEIRA, 2011).

1.2 Reserva da Jaqueira atualmente

As informações abaixo descritas sobre a comunidade da Jaqueira são frutos da minha observação e registradas no meu caderno de campo.⁶

A Jaqueira foi organizada por um grupo de jovens, hoje eles são pais e mães de família, alguns ainda aqui, outros não mais. Hoje temos 32 famílias vivendo lá, temos nossa própria escola, nossas crianças aprendem o conhecimento do mundo lá, só depois de maiores é que eles saem para estudar fora.

Somos falantes do português, mas a nossa língua, o *Patxôhã*, como já dissemos, está em processo de revitalização. Temos o nosso espaço para cantar, dançar, fazer nossos rituais e ter nossas casas diferentes, preparar a terra para o plantio. Aqui podemos ficar com os pés no chão sem ter medo de cair, podemos fazer nossos rituais sem ninguém nos olhar atravessado, podemos deitar em redes e descansar ouvindo o canto dos pássaros.

⁶Informações de caderno de campo da pesquisadora.

A comunidade hoje tem como lideranças três mulheres irmãs, elas são umas das que ficaram desde o começo da Reserva. A base da economia é o turismo, são muitos os jovens que já passaram por lá e que hoje são lideranças entre o nosso povo. A Reserva funciona como se fosse uma escola e aqueles que se empenham aprendem muito e contribuem em nossa comunidade e entre nosso povo. Essa é a minha aldeia.

Para chegar a nossa comunidade segue pela BR-367 (Porto Seguro) entra em Coroa Vermelha, acompanha pela rua do telégrafo e ela vai dar na portaria da Reserva Pataxó da Jaqueira. A entrada tem um portão de madeira grande, logo do outro lado da rua uma estrada de barro é o rio, e mais acima tem uma ponte bem simples de madeira, na entrada da Reserva no portão logo em cima tem escrito “*Taputá Tometô*” que na língua *Patxôhã* significa ‘sejam bem-vindos’.



Fonte: Representação da Aldeia da Jaqueira, desenhada por Ariema e Oiti. 2014.

Logo do lado direito há um *kijeme* pequeno (casa tradicional), onde ficam alguns monitores locais que recepciona quem chega. O *kijeme* é feito de taipa e coberto de piaçava, a frente do *kijeme* é todo aberto e com banquinhos na lateral onde os rapazes (é raro ficar mulher nesse local) ficam sentados descansando ou confeccionando artesanatos enquanto aguardam a presença de alguém.

Seguindo a entrada da aldeia, no caminho, uns passos logo à frente podem olhar o rio, hoje o rio não é tão cheio transparente como antes. Atualmente, está assoreado e dá vista para o fundo do rio. A minha tia diz que um fazendeiro fez uma represa na cabeceira do rio, por isso, que ele está assim.

Caminhando um pouco mais chegamos ao pé da ladeira onde há uma trilha onde só os moradores da aldeia podem ir até lá, e seguindo esse ponto chega-se ao centro da aldeia. Esse caminho é muito íngreme e cheio de raízes. Depois a frente há outro caminho que nós mesmos fizemos (digo nós porque eu estava presente e foi trabalhoso e cansativo), abrimos o caminho com facão, enxadas, pás, fomos limpando e aterrando, depois fomos colocando madeira ao longo do caminho como se fosse um corrimão, assim facilitaria a subida e a descida de todos. Para chegarmos a outro caminho mais largo e a ladeira bem maior onde dá para passar carros ou motos, nesse caminho dá acesso a outra aldeia que fica bem logo atrás, a Aldeia Juerana.

Quando chegamos ao centro da reserva logo no início podemos ver os primeiros *kijemes* do lado esquerdo que são compostos de 4 *kijemes* que não são muito grandes. Do lado direito tem mais 2, onde primeiro serve de demonstração para os visitantes, mais a frente temos um *kijeme* pequeno onde reside o pajé da nossa aldeia, ali ele faz suas rezas, tem suas ervas, faz seus incensos e trata das pessoas que vão lá com algum problema. Uns 20 metros à frente do *kijeme* do pajé tem um viveiro, nele nós fazemos mudas de arapati, biriba, pau brasil, abricó entre outras mudas. Assim, nós ajudamos no reflorestamento da nossa mata, além disso ainda fazemos doações de mudas para alunos de escolas não indígenas ou até mesmo para os visitantes que se interessarem. Nele são produzidas mudas nativas e ameaçadas de extinção para a recuperação das áreas degradadas e reflorestar nossa mata.

Do lado do viveiro nós temos a nossa horta medicinal, plantamos babosa, capim santo, saião, anador, erva cidreira, pata de vaca, tioiô, hortelã, boldo, cana de macaco, mastruz, artimije, entre outros. Assim, quando não estamos bem, podemos tirar dali mesmo o nosso medicamento. Só vamos para a cidade procurar o médico se for algo grave e que não tenha como tratar na aldeia. Na mata nós não retiramos madeira para vender, muito pelo contrário, somos nós é quem preparamos mudas e fazemos o reflorestamento. E somos nós mesmos que

fazemos a fiscalização dentro da aldeia. Às vezes nos deparamos com a situação de que o índio e o não índio de fora da aldeia querem caçar escondido e fazer armadilhas. Nós coibimos essas ações.

Seguindo a estradinha logo estaremos no centro da aldeia, onde temos um *kijeme* grande, que não tem paredes, é só a cobertura feita com piaçava e uns bancos de madeira feito em volta onde deveria ser o local das paredes, no centro desse *kijeme* há alguns totens, e uma estrutura em formato de círculo pequeno onde em cima fica a figura de um índio, que foi confeccionado por Oiti, um jovem artista da aldeia.

Ao lado desse índio ficam vários maracás (instrumento de cabaça ou de coco que se parece com um chocalho que, ao ser balançado, serve para chamar as pessoas dali ou na hora da dança por ser um instrumento musical do ritual), vasilhas de barro com carvão dentro que são usados nos rituais, há também *2takapes* (lanças) em pé, que simbolizam a bravura e resistência do meu povo. É local que realizamos os nossos rituais com todos os membros da comunidade. É nele que fazemos nossas reuniões, realizamos os casamentos e dançamos e cantamos. Temos um *kijeme* de uma das famílias que ali vivem, mais embaixo quase em frente do centro o *kijeme* grande (ou central).

Cabe salientar, como mencionei na introdução que nós trabalhamos na Jaqueira com o Etnoturismo, e para continuar a falar sobre a organização dos *Kijemes* na comunidade, vou dedicar algumas linhas para falar dessa importante fonte de renda para nossa comunidade. Importa dizer, porque na ocasião em que recebemos os visitantes circulam a contação de histórias, como se verá adiante.

Assim, resolvemos abrir nosso território para visitantes não indígenas, primeiramente, eram pessoas que visitavam a região. Lembro-me que recebíamos visita de alguns amigos não indígenas que ensinavam os jovens as técnicas de como receber turistas e, assim, o etnoturismo passou a ser uma das fontes de renda para as famílias que permaneceram.

Esses visitantes conhecem a Jaqueira e um pouco mais da nossa cultura, da história do nosso povo, isso por meio da contação de histórias e a visita nos lugares permitidos na comunidade. Porque há locais que são restritos somente para nós indígenas da reserva e proibidos a nossos convidados.

Nos primeiros tempos, o etnoturismo foi um importantíssimo meio para que nós pudéssemos continuar cuidando e preservando o nosso território, ter recursos financeiros para sustentos das famílias, e preservar nossas matas.

O *kijeme* central descrito acima é o local primeiro onde os visitantes chegam, Seguindo, ao receber os visitantes no *kijeme* central, local que acontece a palestra, nesse o

momento um membro da comunidade recebe o visitante e conta a história do nosso povo, a história da Jaqueira, fala sobre o nosso objetivo de vida, e aproveita para estreitar laços e facilitar o diálogo entre ambas as partes, entre ambas as culturas.

No *kijeme* de demonstração o visitante pode entrar e ver como são nossas casas, nossos utensílios, e saber como nos organizávamos. É claro que hoje em nossos *kijemes* algumas coisas mudaram ao invés de termos as tarimbas (camas) puras, hoje já temos tarimbas com colchões e cobertores.

Há o *kijeme* do *mukusui* (casa do peixe). É nesse local em que é preparado o peixe para os visitantes, é uma cozinha onde temos espaço para aproximadamente 35 pessoas, com alguns banquinhos. Há uma parede que resguarda o fogão, a lenha, um armariozinho, e os visitantes podem ser autorizados ocasionalmente a adentrar nesse local.

O peixe é limpo⁷ e para ser temperado coloca-se um pouquinho de sal; em seguida ele é enrolado na folha da patioba (folha de uma palmeira). Quando pequena recebe esse nome. Depois que ela cresce é chamado de pati, depois que a palmeira cresce não usamos mais a sua folha; mas podemos usar o tronco dela quando ela cai e confeccionamos artesanatos, que é amarrado com cipós.

A folha da patioba que dá todo o sabor ao peixe, ela solta um tipo de óleo que se mistura com a água que sai do peixe, enquanto ele assa; assim, depois que amarramos o peixe dentro da patioba, temos uma moqueca que deve ser assada só na quentura das brasas, sem labaredas porque senão a folha queima e estraga o peixe. No *kijeme* do *mukusui* tem uma mesa no meio onde colocamos copos e uma jarra de barro com água. Nesse mesmo local, os visitantes sentam e experimentam o peixe que foi preparado na folha da patioba.

Continuando sobre a organização dos *kijemes*. À frente do *kijeme* do peixe, um pouco mais acima, temos o *kijeme* do artesanato; é ali que as famílias expõem os artesanatos que eles confeccionam nos finais de tardes ou seu momento de folga. Cada família tem seu espacinho e, assim, quando têm visitantes ou até mesmo os parentes de outras aldeias, nós podemos vender ou trocar artesanatos. Os artesanatos são os mais diversos como, por exemplo, tangas, cocares, brincos de sementes ou de penas, gamelas, colher de pau, colares, pulseiras, palitos de prender os cabelos, entre muitos outros objetos.

Do lado esquerdo do *kijeme* do artesanato, temos outro *kijeme*, todo aberto no mesmo formato do *kijeme* grande, porém ele é pequeno; ali também acontecem reuniões pequenas, as

⁷Juacema é nome da moça prepara o peixe.

palestras com grupos menores de visitantes, e as pessoas da comunidade gostam de ficar lá quando eles estão compondo músicas ou colocando os ritmos.

De volta ao *kijeme* do artesanato, olhando um pouco mais em baixo, do lado direito, podemos ver mais *kijemes*, três médios e outro mais à frente um pouco maior, é onde funciona a cozinha comunitária. Ali é preparada a comida de todos da aldeia, há umas 2 ou 3 mulheres que juntas cuidam e preparam os alimentos. Esse *kijeme* tem um fogo de lenha grande, um armário com panelas, pratos, colheres, copos e, do outro lado, alguns mantimentos, feijão, sabão, sal entre outros, logo em baixo, em um canto próximo ao armário, fica um balde grande onde nós guardamos a farinha de puba.

Do lado de fora há uma pia, do lado do *kijeme* há mais 2 *kijemes* pequenos onde vivem algumas famílias, mais a frente há outros 4 *kijemes* médios, todos já estão ocupados pelas famílias que ali vivem. Os *kijemes* ficam entre pés de cajá, dendê, ingá e jaca, nesses *kijemes* os visitantes não costumam perambular, pois ali é onde vivem os habitantes da comunidade, por isso é espaço só nosso.

Há uma pequena trilha que nos leva à nossa escola. A escola é construída de alvenaria de formato arredondado. Há 1 refeitório, 2 salas de aula, 1 secretaria que funciona também como biblioteca, 1 cozinha e 2 banheiros. Nessa escola, só temos aula até o fundamental I, depois disso, os nossos pequenos precisam ir para outra aldeia próxima (Coroa Vermelha). Somos 4 professores, 1 auxiliar de classe, 1 coordenadora, 1 auxiliar administrativa, 1 merendeira, 1 zeladora e 2 vigilantes.

Ao lado da escola há um campo onde as crianças brincam e o pessoal joga bola. Do outro lado do campo há uma construção pequena onde fica uma caixa d'água e um poço que foi feito pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), e hoje consumimos água de lá desse poço. Do lado dessa construção do poço há outro *kijeme* com a mesma estrutura do central. Ali próximo ao campo passa o caminho onde leva a aldeia Juerana; e depois do campo e da escola há outros 5 *kijemes*, sendo dois deles já de alvenaria.

Ao lado do *kijeme* de demonstração (já citado anteriormente) temos uma trilha chamada de trilha da lagoa seca. Ela recebe esse nome porque, durante boa parte do ano, ela fica seca porque não chove o suficiente para enchê-la, sendo que ela começa a encher a partir do final de abril até final de junho. Isso se o clima cooperar, porque, ultimamente, o clima anda meio doido. Ali, quando está no tempo de cheia, podemos encontrar vários peixes, traíra, jundiá, piaba e beré. Nesse período, os visitantes passam por um caminhozinho à beira da lagoa, mas essa lagoa fica quase no final da trilha.

Ao longo do caminho temos várias armadilhas que eram usadas para caçar, antes, pelo meu povo. Mas, as temos hoje só para demonstração aos visitantes. Os monitores lhes explicam como é feita a armadilha, onde era colocada e quais as caças que caíam em cada tipo, na forma de contação de história. Nesse mesmo caminho também podemos encontrar uma variedade de espécies animais e vegetais da mata atlântica, e o monitor também explica qual a utilidade do mesmo pelo nosso povo, ali dentro da comunidade, e às vezes, diz o significado dos nomes de algumas espécies de árvores para nós.

Essa trilha começa quase que na entrada do centro da reserva, ela vai até a mata e, na volta, os monitores com os visitantes saem bem perto da escola. Ali eles mostram a nossa escola, dizem como ela funciona, e como nos organizamos e lecionamos; depois o monitor desce até o centro da aldeia, local onde os visitantes estavam anteriormente. Ali, eles vão até o *kijeme* do artesanato, e em seguida, participam do ritual conosco. Após tudo isso, o visitante vai embora e leva com ele um samburá de conhecimento.

Passaram-se tantos anos e ainda estamos resistindo, e isso é possível graças ao conhecimento oral, que nos foi repassado de geração em geração pela contação de história. Não podemos deixar que nossa história se perca no tempo. Nós usamos as tecnologias em nosso favor, e agora, nas pesquisas que fazemos na comunidade, pois é preciso registrar o conhecimento compartilhado oralmente pelos nossos anciãos, respeitar a limitação imposta por muitos anciãos na hora de contar algo, pois nem tudo que é contado pode ser registrado, os assuntos da ordem do segredo.

Tudo isso se revela importante, não só para mim como professora-pesquisadora, mas para a minha comunidade que pode ter materiais educativos, ler na escola e em outros âmbitos da comunidade. Esses materiais podem servir de aprendizado da nossa história, da nossa cultura, do nosso território para nossas crianças e jovens. E também de alerta, porque os nossos anciãos estão partindo para *Itohã*, e, assim, levando com eles os conhecimentos que eles possuem da nossa história.

Assim, se não cuidar da nossa natureza seremos índios incompletos, porque somos uma parceria, o índio cuida da mata e a mata já cuidou tanto de nós, e ainda vai continuar cuidando, porque não existe índio completo sem sua floresta sagrada. Por isso, a contação de história reverte-se como temática fundamental de estudo e compartilhamento entre as pessoas da comunidade.



CAPÍTULO 2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA COMUNIDADE DA JAQUEIRA



Este capítulo trata da contação de história na comunidade da Jaqueira, pretende-se mostrar como as histórias do povo são contadas. E quais os locais onde elas mais circulam. E quais as histórias são mais contadas na comunidade.

Além de também abordar a importância da contação de história para fortalecer a cultura da nossa comunidade e a questão do território no interior da contação de história.

2.1 Como é a contação de história na comunidade

Durante muito tempo, presenciei minha avó, tios, tias, lideranças e até mesmo jovens e crianças contando e recontando histórias do nosso povo, em especial, em volta de fogueira. Essas histórias me prendiam a atenção, eu vivia aquele momento me sentindo dentro da história contada, até mesmo nas histórias de terror.

No mundo indígena a contação de história constitui-se de elementos que congrega mais partes das narrativas indígenas que são os mitos, histórias, vivências que são transmitidos pelos tempos. Para o autor Daniel Munduruku citado por Cunha no artigo *'Escritores indígenas falam da importância da literatura nativa para a educação das crianças'* explicita que:

Essas histórias devem ser lidas com o coração e podem nos ajudar a compreender o mundo e a crescer de forma mais equilibrada. [...]O ser humano é formado por estes elementos que as histórias trazem: coragem e medo; amor e desamor; sofrimento e alegria. Somos forjados por sentimentos que se desdobram dentro da gente. Parte disso se dá por conta da construção dos mitos que carregamos conosco. Eles nos ajudam a compreender a nossa humanidade e a de outras pessoas (CUNHA, 2013, s/p.).

No mesmo sentido, a cultura indígena revelada nas histórias mostra a força da natureza, a diversidade cultural, o respeito à ancestralidade, a origem do povo, a nossa organização social e política, os desafios da vida e as problemáticas, que por acaso a aldeia está passando e suas possíveis soluções. Mostra principalmente, as raízes da nossa cultura,

valorizando as tradições do nosso povo, dessa forma, nossa afirmação cultural é constante e diária.

Quando ouvia história desse tipo, eu sempre dormia com meus irmãos porque tinha medo de dormir sozinha. Com o tempo, a forma de contar histórias do povo foi mudando e, às vezes, nem acontecem mais com tanta frequência como antes. As crianças e os jovens de hoje se apegam fácil à modernidade tecnológica e em razão de sua facilidade de acesso a outros tipos de informações de fora da nossa aldeia, estão se afastando das nossas histórias do nosso povo.

Salhins argumenta sobre a atualização permanente da cultura, e salienta que os grupos sociais, aqui no caso dos indígenas, têm desafios a atravessar e, dessa maneira, procurar formas adequadas para elaborar e reelaborar a sua cultura e sua identidade étnica, segundo sua própria história que é singular em cada contexto indígena (SALHINS, 1997).

O povo Pataxó, ressaltado, é um povo que luta e resiste para ter seu território. Nas palavras de Little (2002), um território ligado à dimensão social e simbólica, e também com destaque à relação das pessoas com a memória coletiva e a memória dos seus ancestrais. Para o autor isso é “o que dá profundidade e consistência temporal ao território” (LITTLE, 2002).

A questão do território e da territorialidade está relacionada diretamente à contação de história do povo Pataxó, para o fortalecimento da cultura e preservação da mata, para manter a Reserva.

Pois, a contação de história vincula as histórias ancestrais e atuais dentro dos territórios, nas dimensões socioculturais. Então, elas são elaboradas e reelaboradas de acordo com as atividades humanas que sustentam a cultura, na linha de pensamento de Salhins (2007). Nesse pensamento nossa forma de viver, estar e agir no mundo é diferente, ou seja, vivemos em uma sociedade diferenciada da sociedade nacional. Temos nossos próprios costumes, crenças, nossas tradições e pensamentos. Os autores Tassinari e Salhins defendem que nesse espaço há a interação entre as pessoas e que elas regem essas interações de variadas formas (TASSINARI, 2001; SALHINS, 2007).

A contação de histórias é uma prática milenar no mundo indígena que pode contar a origem de um povo, e se perpetuou por meio da tradição oral. Dessa maneira, a contação de história para as crianças e os jovens pode ampliar seu universo, despertando o interesse pelas histórias do seu povo, também pode estimular a imaginação e a criatividade, como apontou Bedran, por meio da construção de imagens interiores e da memória (BEDRAN, 2010).

Nesse sentido, durante uns dias eu pude ficar observando em quais momentos e como essa contação acontecia. Na minha observação achei que a contação de história se daria mais

com as crianças, jovens e outras pessoas sentadas ao redor do fogo, e que ali haveria um ancião contando as histórias. Estava observando em um espaço que existe na reserva, entre o *kijeme* da cozinha que faz o almoço e outros *kijemes* onde moram as famílias. Esse lugar é muito importante para nós, é um lugar de encontro.

Então percebi inicialmente que nesse espaço não estavam contando histórias, depois vi que elas eram contadas de maneira diferente da qual havia pensado. Naquele lugar as pessoas chegavam e outras saíam, iam conversando sobre os filhos, sobre as árvores, sobre a mata, sobre o mangue, sobre as fases da lua, quando iriam preparar algumas mudas de plantas, falaram sobre diversas coisas. Assim, percebi que nessas conversas estava presente a contação de história. Que não havia uma preparação específica para ela. Isso no nosso cotidiano. Há sim uma preparação para a contação de história quando ela acontece no âmbito da escola e no *Kijeme* grande, principalmente, quando acontece ao fazemos os rituais ou quando recebemos os visitantes.

Fiquei surpresa com essa constatação, porque como estou imersa no meu cotidiano, esse fato para mim é tão familiar que não me dava conta de como acontecia e nem em que lugar a contação de história era revelada. É como se isso estivesse submerso aos meus olhos e sentidos, e a partir da observação, foi aos poucos surgindo, explicitado diante de mim. E percebi que as pessoas não precisam se organizar em volta de fogueira para contar uma história, elas precisam ter apenas a chance de falar e ter ouvintes.

Em vista disso, percebi que narrar a história de um povo será sempre dentro do exercício do cotidiano, assim vejo que está na renovação contínua da vida, da cultura, do território, do ato de ensinar e aprender, fortalecer os valores da comunidade. Igualmente, a contação de história pode ser entendida como um encontro de possibilidades de encontros, e nesses encontros, também são contadas as histórias no decorrer de uma conversa entre as pessoas. Ou seja, em muitas circunstâncias de conversas há, mesmo que de forma não consciente, um incentivo para contar as histórias, até mesmo que elas sirvam como exemplo ou conselho às pessoas. Incentiva também o imaginário das pessoas pelas histórias, e, com isso, o ouvinte pode construí-las a sua própria maneira.

A quase todo momento a contação de história, como já disse, está permeando a vida das pessoas, por exemplo, quando todos estão sentados em esteira, no chão ou em cima de algumas raízes as histórias começam a fluir. Como afirma Bedran, a história “é uma memória da comunidade, onde encontramos lugares diferentes de olhar e ler o mundo ao praticarmos a arte da convivência” (BEDRAN, 2010, p. 15).

Uma contadora de história notória em nossa comunidade é a minha tia Ana Alves, é uma das anciãs da aldeia, ela sempre se lembra de uma história e começa a contar para aqueles que ali estão conversando com ela, conta sobre sua vida, sua luta, conta sobre a história do povo, mas ela sempre se cala quando a história chega a um ponto de dor e sofrimento pelos quais ela já passou. Nesses momentos minha tia prefere ficar calada e não mais relembrar o passado dolorido. E gosta de contar para as pessoas da família, ela não conversa sobre as histórias do nosso povo com os não índios, ela diz que tem coisas que pertence só a nós, e os não índios acham que é invenção.

Já, adentrando no processo formativo dos jovens e das crianças na esfera da escola, a contação de histórias pode contribuir na formação deles. Pode colaborar no desenvolvimento humano, pois desperta o interesse pela realidade local, forma dentro da cultura e do território e pode elevar conhecimentos vários. Ajudam também que eles possam visualizar os cenários de antigamente e o atual, as personagens míticas do povo no percurso das histórias que são narradas.

A importância da contação de história para as crianças e os jovens, de acordo com Bedran (2010), abre a imaginação que penetra em seu mundo, assim:

A criança (e os jovens) que ouve histórias cotidianamente desperta em si a curiosidade e a imaginação criadora e ao mesmo tempo tem a chance de dialogar com a cultura que a cerca, e, portanto, de exercer sua cidadania (e sua cultura). O encontro do seu imaginário com o (s) mundo (s) tão diversificados pertencentes [...] sejam elas tradicionais ou contemporâneas (BEDRAN, 2010, p. 15).

Os contos dentro da escola são levados na maioria das vezes pelos professores, nós contamos as histórias que aprendemos quando crianças ou que aprendemos em nossa juventude. Também são convidados alguns anciãos para participarem, para contarem as histórias do nosso povo aos nossos alunos.

Às vezes encontramos algumas histórias de outros povos indígenas, que estão em livros e, desse modo, mostramos aos nossos alunos que todo povo possui outras histórias, e que, às vezes, a mesma história circula em muitas aldeias e entre muitos povos, com algumas variações.

Para apresentar a contação de história organizamos as turmas dentro da sala, e outras vezes fora da sala, embaixo das árvores, em espaço aberto que nos possibilite ter a chance de por os pés no chão, em contato com os elementos da natureza. Isso nos deixa mais à vontade tanto para contar quanto para ouvir. Os anciãos contam sua história de vida, falam sobre a mata, os animais, os alunos ficam ali olhando e ouvindo, e quando são contadas as histórias

de terror eles ficam com medo até de ir brincar no campo de futebol. Outra questão que a contação de história auxilia é no desenvolvimento comunicativo, porque depois de um tempinho que os alunos escutam as histórias eles começam a contar o que ouviram uns para os outros. É também dessa maneira que a história do povo circula.

Isso devido ao fato que a oralidade levou os alunos a dialogarem entre si, a(re)contarem a história ouvida a seus colegas e desenvolverem a interação sociocultural, propiciando que essa interação crie laços sociais e formação de gosto pela contação de história (SILVA, 2008, p. 60-63).

Numa contação de história ouvi a conversa até dos pequenos, onde um tentava intimidar o outro dizendo “sai daí, vovó disse que a onça pelada vai te pegar se você entrar dentro do mato”. Percebi, como apontei acima, que entre eles também acontecem momentos distintos, eles contam um para o outro as histórias que ouvem. Portanto, entendi que não é tão complicado compreender como e onde as histórias eram contadas, eu só precisava ficar atenta aos detalhes, educar meus ouvidos, os olhos e os sentidos para saber identificar esses momentos.

2.2 Os lugares em que mais circulam a contação de história

Descrevo abaixo os lugares que mais observei que circularam a contação de história do território da comunidade da Jaqueira. E também as histórias que mais se apresentaram nesse tempo de observação.

Esses lugares são sagrados para nós, em especial, a natureza está cheia de sabedorias e conhecimentos, tendo muitos mistérios. Na natureza sentimos a grande força da mãe terra, e a presença dos espíritos dos nossos ancestrais. E também são lugares que preservamos para as futuras gerações

2.3 A trilha da Lagoa Seca

Um dos lugares que visitamos com frequência é a trilha que vai para a Lagoa Seca. Essa trilha serpenteia desde o *kijeme* central, percorre a mata e retorna ao *Kijeme*. Então, ao sair do *kijeme* as pessoas (da comunidade e visitantes), adentram o caminho na mata, há muitas árvores, pássaros, caças, insetos ali, durante o tempo em que se caminha o monitor indígena da aldeia vai explicando sobre o caminho, sobre as plantas dali, os vários pássaros e

seus cantos, os bichos, sobre as armadilhas para demonstração, e assim vai. O caminho é longo e nesse meio tempo, o monitor aproveita e vai contando uma história, quando chega a uma espécie de árvore ele conta a história daquela árvore, o porquê do nome dela, a sua importância para o nosso povo, o uso e assim vai. Logo depois o monitor conta a história que fala sobre alguns pássaros, e vai seguindo da mesma forma.

Assim, eu pude perceber que histórias ou contos de animais, árvores ou caçadores são contadas com mais frequência nas trilhas, assim além de falar sobre nosso povo, o monitor também fala sobre a fauna e flora da nossa aldeia, isso faz com que os visitantes saibam um pouco mais sobre nós e onde vivemos.

2.4 Rodas de conversa

Nas rodas de conversa as pessoas se organizam voluntariamente, elas não seguem uma ordem ou padrão, eles chegam e sentam em uns banquinhos próximos à pequena mesa que temos, e começam a conversar. Muitos falam da vida, outros de coisas banais, até que eles chegam ao ponto de estarem contando "causos", contos ou histórias para mim isso é tudo a mesma coisa, então de repente, o vento sopra. No dia de minha observação o Sr. Aderno Carvalho, liderança e monitor, toma a palavra e começa a palestra. A palestra girou em torno que o tempo está bom de ir tarrafar porque é com o tempo, assim, que as tainhas ficam alvoroçadas e estão gordas. Ele conta como era bom de tarrafar antes e hoje já não é a mesma coisa, conta que precisa conserta sua tarrafa para a próxima pescaria.

Ali, bem do lado, às crianças brincam de pular corda e outros dois com filhotes de cachorro ainda bem pequenos, eles ficam correndo para cima e para baixo até que um deles resolve que quer ir para dentro do mato, aí, a avó grita “volta não vai para o mato não, olha a onça pelada viu, bem que você não foi batizado ainda, hein, ela vai te pegar se você for pro mato sozinho”. Enquanto ela chamava à atenção do neto ainda pequeno os outros continuavam a conversar, nesse dia eu fiquei curiosa para saber mais sobre essa onça pelada, achei que fosse uma onça comum, porém sem pelos, mas só depois de conversar mais é que soube (vocês verão nas entrevistas abaixo).

2.5 No momento da coleta de sementes

O Sr. Aderno Carvalho e Corujinha (um dos monitores mais antigos) cuidam do viveiro. São ambos que organizam grupos de monitores para coletar sementes na mata.

No dia da minha observação quem foi pegar as sementes de abricó foi o Corujinha. Interessante dizer que um dia que ele foi à mata ele voltou dizendo que, quando estava na mata, ele estava sentindo um cheiro de cabaça. Isso significa, segundo ele, que tinha onça por perto. Então disse para os monitores “olha os meninos, vamos andar rápido porque tem uma onça aqui por perto”. Assim, todos deixaram o local e voltaram logo para aldeia. Corujinha falou que eles pegaram outro caminho porque eles não queriam dar de cara com a onça. Ele diz que essa onça vive atrás dele e quando precisa ir fazer fiscalização, quando ele sente esse cheiro de cabaça, e que esse cheiro é deixado pela onça, que não foi somente ele que havia sentido cheiro da onça, outras pessoas também já correram dela aqui na mata.

E outra ocasião, o Sr. Aderno foi à mata coletar sementes de arapati, ele disse que estava cheio de sementes, mas que não dava para pegar direito porque embaixo tinha vários pés de espinhos, e isso dificultava a coleta; ele falou que temos que preparar muitas mudas porque o arapati demora muito tempo para que esteja bom de dar sementes, e que serve para a confecção de artesanatos.

Eu perguntei a ele se iam derrubar as árvores que ele mesmo estava plantando, Sr. Aderno me explicou que as árvores podem cair com o vento ou por serem comidas por cupins, ele deu o exemplo do pati, que é uma palmeira que temos bastante na nossa região. O pati, quando pequena, nós usamos suas folhas e a chamamos de patioba, depois de grande, ela muda, e passamos a chamar de pati. Podemos usar seu tronco para a confecção de artesanatos, mas só depois que ele cai de velha. Ou porque o macaco da noite quando está gordo demais vai até o local e come o olho da palmeira, assim o macaco perde peso, e a palmeira acaba morrendo. Quando achamos alguma caída nós a usamos para fazer *takápe* (lança).

2.6 Os contadores da contação de história

Apresento os contadores da contação de história da comunidade da Jaqueira para que possamos conhecer um pouco de sua história de vida, e como eles trabalham na contação de história em nossa comunidade.

Os contadores de histórias na comunidade da Jaqueira têm conhecimentos mais aprofundados das histórias de vida do povo, da cultura do povo, do território e de outros que

compõem os elementos dos processos históricos vividos por nós. Esses elementos contribuem fundamentalmente para a formação como povo, tanto para as crianças quanto para os jovens como para os demais membros da comunidade. Ainda, podem formar os visitantes que adentram nosso território.

Eles carregam consigo muitas narrativas indígenas como as histórias de origem do nosso povo, os mitos, as vivências das pessoas que elaboram e reelaboram a contação de história. As pessoas da comunidade, em grande medida, também sabem as histórias do povo que circulam na comunidade no dia a dia. Está dentro de cada pessoa, cada um carrega dentro de si as histórias, os mitos que escutavam desde pequenos. E agora, nas conversas cotidianas essas histórias circulam de maneira natural.

A contação de história carrega momentos e sentimentos sagrados para compartilhar com as pessoas da comunidade, que nos ajudam a compreender nossa própria vida, no passado, no agora e depois no futuro. E também com os visitantes que vão fazer o etnoturismo na nossa comunidade. Mas, de maneira organizada, como já apontei, existem lugares específicos para contar também as histórias.

2.6.1. Sr. Imburé

Valmir Braz da Conceição, mais conhecido como Sr. Imburé, tem 68 anos, vive hoje da venda de seus remédios feitos à base de ervas da própria reserva e de sua aposentadoria. É um grande contador, prefere as histórias de animais, mata e acontecimentos de sua vida. Boa parte de seu tempo é dedicado a preparar remédios naturais, mas sempre está ali contando uma história ou outra tanto para seus filhos ainda pequenos quanto para nós, os poucos jovens interessados, em uma conversa com ele em poucos minutos pude gravar algumas histórias que vocês poderão ler logo abaixo:

Ele diz que aprendeu as histórias com seu pai, seus tios, e seu pai aprendeu com o pai dele, ou seja essas histórias vem de geração em geração e, assim, hoje, ele ensina para os filhos, sobrinhos e a todos que sentam para lhe ouvir. Ele aprendeu histórias grandes e pequenas histórias bonitas. Mas as que ele mais gosta de contar são as de animais, natureza, caçadas e pesca, da onça, do coelho, do veado. Disse ainda que não gosta de contar histórias de terror, ou seja, aquelas que envolvam muito medo. Ele conta mais histórias à noite, indo sempre perto da casa de Aponen (esse *kijeme* fica em frente ao campo).

onde ali eles acendiam uma fogueira lá, a gente sentava lá com as meninas dele, e mais uns outro que vinha lá de baixo, careca, ia agente sentava fica por ali conversando e ai pispava contar história, daqui a pouco pispava da risada e conta outra, e daqui apouco Vani trazia um café nois bibia e ai ia contando a história, e quando parava eles diziam conta outra tio e ai ia contando porque era umas história que você vai contando ai vai animando e ai você vai lembrando outras que às vezes você ta esquecido você vai lembrando...

Quando ele começa a contar as narrativas, eu mergulho em meio ao acontecido, é como se eu estivesse vivendo aquele momento ali. Isso faz com que meu interesse em saber logo o final me deixa presa e na expectativa, a forma com que ele conta desperta não só em mim, mas em quem está ouvindo esse interesse, e é assim com tanto entusiasmo que tento transmitir as mesmas para meus pequenos na sala de aula.

Minha conversa com ele não foi nada formal, como os não índios costumam fazer, eu sou parte da minha pesquisa, sou uma narrativa e, por isso, eu tentei, da melhor maneira possível, não seguir os padrões e os protocolos, e sei que, dessa forma, também é possível compreender. Ele diz:

A onça queria comer o macaco, a onça convidou as bicharadas toda pra festa que ela falou que ela tinha morrido, mais ela fez uma treita para ver se comia o macaco ai o macaco chegou e disse assim a então nois vamo la ai foi pra sentinela da onça e a onça de treita já tinha combinado com os outros animais pa fazer que ela tinha morrido mesmo, ai po macaco ir pa e ela pode pegar o macaco, ai macaco chegou la e sentou assim de parte, e falou assim e agora eu pergunto vocês ela morreu mesmo? E os outros morreu, mas ela peidou? Ai os outros não, ah então ela não morreu, porque minha vó quando morreu ela peidou, ai a onça peidou, ai ele disse assim nunca vi gente morto peidar, e ai o macaco aqui caiu fora, disse assim não ela num morreu ela viva ela com treita porque eu nunca vi morto peida”. E continua “ o caso do coelho, a onça treitou ele pra pegar ele, ai depois descobriu onde era a casa dele neh, ai queria pegar ele ai ele quando chegou, ele veio da roça e gritou hei minha casa, a casa dele era do outro lado do valão e ele, um corgo que tinha outra cerra do outro lado e ele morava do outro lado e de ca ele gritou hei minha casa ai a casa ta calada, mas como diz caso do outro casa num fala, mais ele já andava cismado da onça e chamou umas três vezes a casa num respondeu ele disse assim é tem gente na minha casa porque a minha casa quando eu chamo ela responde, êh minha casa, ai a onça caiu na bestagem e Oi ela disse assim eu nunca vi casa responder, nunca vi casa falar e essa dai ta falando tem arguem ai dentro de minha casa, e ai caiu no mato de novo e a onça nunca pode pegar ele.

2.6.2 Jandaia ou Célia da Conceição

Jandaia é uma das lideranças da aldeia, ela tem 42 anos, é uma das mulheres que mais lutou para que a Reserva tivesse vida própria, a sua luta continua para que nossa comunidade

permaneça firme em nosso caminho, para que a nossa cultura não se perca. Ela gosta de contar histórias para seus netos, sobrinhos e para os bem pequenos ainda, ela tem uma afinidade com crianças, ela brinca, canta e conta as histórias que aprendeu com sua mãe e com seu avô. Ela acha muito importante contar as histórias que aprendeu, porque assim, ela vai passando o que aprendeu. Jandaia conta:

A história envolve muito as crianças as crianças gosta muito de ouvir neh histórias e tudo então, acho bom agente ta contando mesmo porque eles vão aprender mais tarde eles vão passar pros filhos, pros netos igual eu tô fazendo neh porque quem me falou pra mim foi meu avô ai hoje eu já conto pros meus neto sobrinho e ai vou passando.

2.6.3 Nitxinawã

Maria das Neves é a mais velha entre as irmãs, é uma das lideranças da comunidade e foi uma das que mais viajou e passou por diversas dificuldades para erguer, com ajuda de muitos amigos e familiares, a reserva. Hoje ela também é estudante e cursa licenciatura no Instituto Federal da Bahia (IFBA), em Porto Seguro. Uma das suas atividades na Reserva é a palestra onde ela aproveita a vinda dos visitantes para conhecer nossa vida e nossa aldeia e conta a história de luta do nosso povo, e do surgimento da Reserva. Com isso ela passa os nossos objetivos como indígenas e o da aldeia. Ela é uma grande mulher, em quase todo o tempo ela está nos ensinando algo, nos motiva com sua história de luta e persistência. Para mim ela é como se fosse um modelo, uma inspiração, porque eu estou só no início da minha caminhada, então, a vejo como um dos meus grandes exemplos.

Nitxinawã conta-nos muitas histórias, tanto para nós que estamos na reserva, quanto para quem vem nos visitar, seja índio ou não índio. E conta a seguinte história:

tem uma história que eu sempre gosto de lembrar dela que é da lagarta de janaúba neh, eu sempre ate conto pro visitante isso porque sim pra gente hoje em dia ninguém acredita nisso neh, mas pra nossos anciões, pra minha mãe, pra meu pai pros meus tios tem algumas pessoas, até meus irmãos mais velhos isso é coisa real que acontecia se um da gente dizer que isso é mentira estamos desrespeitando neh nossos mais velhos e minha mãe contava assim que minha contava com um drama danado essa lagarta de janaúba, que ela falava que a gente não podia andar com roupa vermelha porque dentro aonde tinha lagarta de janaúba porque aonde tinha árvore com ela podia pular na gente neh grudar aqueles pendãozinhos aqueles pezinhos na pele ali da pessoa, ai a lagarta só ia sai dali quando a trovada desse aqueles relâmpagos ai ela soltava se não ia ter que corta com um canivete a pele da gente pra tirar aquela lagarta da li, porque ela grudava, ela contava com aquele drama.

A lagarta de Janaúba

Ela contava assim que diz quando os pais saiam falavam olha minha filha se chegar um homem ai com um bonezinho vermelho e de olho azul você não abre a porta e não da água pra ele não viu, ai teve a filha de uma pessoa lá da aldeia que pegou e abriu a porta e deu a agua pra esse rapaz do bonezinho vermelho e ai ele pegou a água e jogou por cima do ombro e foi embora o restinho da agua que sobrou jogou por cima do ombro e foi embora, ai passou alguns meses a moça apareceu grávida e ai ela falou pro pai dela mais a mãe que tinha dado a agua pra esse rapaz quando chegou o dia dela ter nenê nasceram duas crianças, e ai botava aquelas criança na rede que era da cultura mesmo neh, e um dia eles foram pra roça plantar limpavam a roça, ai falo vamos la olha as crianças que ficou dormindo na rede quando chegaram cá cadê as crianças a rede tava cheia de lagarta de janaúba, a rede inteira aquele negoço, quando lagarta percebeu que tinha alguém olhando ela , ai disse que aquele tanto de lagarta entrou na rede e virou as crianças ai eles ficaram medo os pais da menina e foi la fez uma fogueira grande pegou, essa rede e jogou essas crianças dentro do da fogueira ai disse que aqueles negoço pipocava muito dentro da fogueira ficava explodindo era lagarta morrendo.

E ela continua me dizendo:

Pra mim eu não consigo diferencia porque a gente vem de uma família bem tradicional a gente nasceu cresceu dentro da mata na aldeia ouvindo em volta da fogueira então os mais velhos falava e a gente foi ficando com aquilo que é real, então eu não sei diferenciar isso de mito, pra mim isso é tudo histórias... Tudo acontece e principalmente para os mais velhos... se você falar que é invenção aquele ancião vai ficar decepcionando e não quer mais contar histórias então ele vai ficar com aquele conhecimento preso... Porque a alegria deles é contar as histórias pra gente [...].

2.7 As histórias contadas

Mostro na qualidade de ilustração duas histórias que mais escutei, em vários lugares do território da comunidade da Jaqueira, nas palestras, na trilha e em outros lugares, no tempo de minha observação.

2.7.1 A história da Amesca

Há muitos anos atrás em uma pequena aldeia bem lá no meio da mata vivia um grupo de indígenas, onde todos se conheciam e ajudavam uns aos outros, tanto na construção dos *kijemes*, quanto na hora de caçar ou pescar. Ali todos eram livres, colocavam suas roças, colhiam, cantavam e dançavam, procuravam trabalhar sempre em equipe. Até que em um belo dia, o cacique juntou todos da comunidade para dar a notícia de que sua esposa estava grávida. Foi uma animação porque todos estavam juntos e ansiosos para terem mais uma

criança na aldeia. Os dias vão passando e a barriga dela logo começa a crescer; as pessoas já começam a notar, a aldeia faz os rituais e aguardam a chegada do bebê, a mãe fica ansiosa para ter logo o seu filho (a) em seus braços e, assim, todos aguardavam. Em um belo dia de sol, estavam todos em suas atividades dentro da comunidade, quando passou um menino correndo dizendo que ia chamar a parteira, foi o maior alvoroço na aldeia e todos estavam ansiosos e hora estava chegando. O dia foi indo e, com ele, o sol já estava descendo, já podiam ouvir o canto das cigarras e os pássaros já começavam a se organizarem nas árvores para dormir, e de longe já se podia ver a fumacinha que saía da casa do cacique, pois lá estavam algumas mulheres e a parteira fazendo seus banhos e sua reza para que a criança pudesse nascer logo. Os homens logo se organizaram e prepararam uma grande fogueira em frente à casa. Essa luta e angústia levou a noite toda, até que quando o sol vinha mostrando os seus primeiros raios e todos aguardavam, ouviram um grito, os pássaros fizeram silêncio, o vento soprou forte e logo pode-se ouvir o choro de uma criança. As mulheres entravam e saíam da casa e logo o pai a trouxe e mostrou a sua pequena filha. Ele a segurou e levantou mostrando para todos da comunidade, dizendo que ela iria se chamar Amesca. Assim todos puderam olhar e tocar aquela pequena. No dia seguinte, o pajé foi até a casa do cacique para benzer a pequena Amesca. Ele a segurou, rezou e rezou, preparou o incenso, conversou com ela, e, finalmente, a devolveu para a mãe. Ele chamou o pai e a mãe da pequena Amesca e disse que ela era uma menina especial, ela teria dons diferentes dentro da aldeia, mas, para isso, ela não poderia casar ou ter filhos. Os pais entenderam e disseram que iriam conversar e explicar para Amesca quando ela estivesse maior.

O tempo foi passando e Amesca já era uma moça, uma das mais belas da aldeia. Ela se importava com os mais velhos, gostava de cuidar das crianças da aldeia, vivia cantando e conversando com animais e plantas, caminhava na mata e adorava ir ao rio, assim, ela ia levando a vida.

A aldeia era cheia de jovens e alguns já demonstravam interesse pela Amesca, foi aí que ela foi conversar com seus pais, que eles lhes contaram que desde pequena eles já sabiam que ela não iria poder casar e ter filhos, ela ficou triste porque já sonhava em ter sua família, ela saiu e foi chorar à beira do rio.

Os pais de Amesca não sabiam o quê fazer para ajudar a sua filha, mas as dúvidas de Amesca continuaram, e logo depois, ela resolveu ir procurar o pajé e pedir para que ele lhe explicasse o que estava acontecendo. Assim, ela fez, chegando à casa do pajé ela chorou e pediu para que ele lhe explicasse porque ela não podia casar e ter filhos. Então o pajé com toda a paciência do mundo pediu para que ela se sentasse e começou a conversar com ela:— *olha,*

minha filha, você é diferente, você se preocupa com todos e cuida de todos, mas se você casar você terá filhos gêmeos, e aqui pro nosso povo se alguém tem filhos gêmeos, um deles precisa morrer, porque quando vem dois de uma só vez um é bom e o outro será uma pessoa má, por isso um deles deve ser sacrificado. Como eu pude ver em seus olhos quando pequena que você seria incapaz de fazer isso com seu filho, por isso, a saída é que você não se case, a aldeia não iria aceitar filhos gêmeos, todos aqui sabem que um deles precisa ser sacrificado senão vão acontecer coisas ruins aqui na aldeia. Amesca saiu muito triste da casa do pajé, mas estava disposta a realizar seu sonho mesmo que, para isso, ela estivesse que ir contra sua aldeia.

Os dias foram passando e Amesca começou a se interessar por um jovem guerreiro ali mesmo da aldeia, todos os jovens a achavam linda, mas ela escolheu um rapaz que gostava de cultivar a terra e cuidar de animais. Eles passaram a namorar escondido, eram apenas troca de olhares, ela veio ter certeza do compromisso com ele só depois que ele jogou uma flor para ela, como forma de que queria ter algo sério com ela. Aí ela aceitou e pegou a pequena flor. Assim eles ficaram juntos até que ela resolveu contar para seus pais. É claro que no primeiro momento eles não gostaram, pois não sabiam o que iria acontecer com sua filha, mas já que ela escolheu assim, eles a apoiaram. O tempo passou e logo o dia do casamento chegou, a comunidade estava toda reunida, as mulheres preparando os beijus e o cauim, os homens organizando a fogueira, as caças e o peixe. O noivo estava ainda se preparando no *kijeme* dos seus pais, e a jovem Amesca terminando seus adereços e pinturas para o grande momento. Todos se reuniram e fizeram aquele grande *Awê* (dança), então foi realizado o casamento de Amesca.

No dia seguinte ela já estava em seu próprio *kijeme*, e cuidando das suas atividades do lar, ela ainda gostava de cuidar das outras crianças, e ajudar aqueles que precisavam. A vida de casada de Amesca estava lhe trazendo à tona o desejo de ter filhos, já que ela passava boa parte do seu tempo ajudando a cuidar das crianças da aldeia. Então ela resolveu ir ao pajé novamente para ver se ele podia ajudá-la, mas novamente o pajé lhe avisou sobre os riscos e lhe disse que era melhor ela não ter filhos. Amesca saiu de lá aos prantos, chorava tanto que nem conseguia falar. Depois de um tempo ela resolveu que teria o filho. A alegria enchia os olhos dela e tudo o que mais queria era ter seu filho em seus braços. Ela foi até o pajé e ele fez reza e incenso para ela, mas disse que ele já havia dito para ela que seriam dois filhos.

E assim aconteceu, ela estava grávida de gêmeos, e podia ter certeza que um de seus filhos teria que morrer. Ouvir tudo aquilo assim doeu muito em Amesca, aí ela disse: – *porque isso logo comigo, eu que sempre fui amorosa, carinhosa, porque tem que ser assim.* Logo foi

tomada pelo choro e soluços, e saiu da casa do pajé e foi para seu *kijeme*. Chegando a sua casa, ela ainda continuava a chorar, já não queria comer direito, e o seu marido começou a ficar preocupado, já não sabia como ajudar sua esposa.

Os meses se passaram, e logo à véspera dos nascimentos dos dois filhos de Amesca, ela continuava triste e chorava muito, pois não queria perder nenhum de seus filhos, tudo o que ela mais queria era ter e poder cuidar dos seus pequenos. Então, finalmente o dia chegou, para o desespero de Amesca, ela começou a sentir as primeiras dores, e chorava muito, pois sabia o que estava porvir. O seu marido mandou que chamassem logo a parteira, e ali ela começou a preparar os banhos, começou a rezar e preparar tudo para a chegada das crianças. Amesca continuava chorando muito, pois era angustiante pensar na perda, os olhos de Amesca já estavam inchados de tanto chorar.

As crianças nasceram, eram dois meninos bem fortinhos. Amesca chamou o marido e disse que, a partir daquele momento, ele teria que cuidar dos filhos, porque ela teria que partir para que seus dois filhos pudessem viver. O marido não queria aceitar, mas Amesca já havia feito sua escolha, ela escolheu morrer no lugar de um dos seus filhos, e assim aconteceu, a aldeia ficou triste sem Amesca, mas agora eles teriam mais duas crianças.

No dia seguinte, Amesca foi enterrada em um lado da aldeia onde tinha um montezinho. Os anos passaram e os meninos já tinham uns cinco anos e já eram bem espertos e cuidadosos, como era sua mãe, corriam para lá e para cá, iam ao rio, já começavam a tentar pescar e, assim, iam seguindo. Em um dia bem cedinho, logo ao amanhecer, um dos meninos acordou meio desanimado, não queria brincar, não queria comer, não queria fazer nada, o seu irmão achou estranho e o seu pai também, mas eles pensaram que isso iria mudar. Mas no dia seguinte, ele piorou nada estava bom para ele, e assim foi piorando, até que estava tão doente que nem o pajé sabia o que fazer: eram tantos banhos, rezas, chás de raízes, incensos, mas nada dava resultado, todos achavam que ele ia morrer, até que um dia anoite, enquanto o pajé dormia ele teve um sonho. No sonho, Amesca vinha e conversava com ele, ela dizia que era para ele ir lá onde ela foi enterrada, porque lá nasceu uma árvore. Ele tinha que ir e dar alguns cortes no tronco da árvore, e isso sem olhar para cima, aí depois de dar esses cortes na árvores iria sair uma resina, era para ele pegar um pouco e trazer para casa. Chegando em casa, era para ele colocar dentro de um copo com água e deixar até o outro dia, e no dia seguinte ele iria dar ao filho de Amesca para tomasse e assim ele iria ficar bem.

O galo começou a cantar e logo o pajé acordou assim, meio confuso, e sem ter certeza que era para ele ir lá ao túmulo de Amesca, mas ele se levantou e foi. Chegando lá ele viu que havia nascido mesmo uma árvore, então ele fez como ela havia lhe contado no sonho. Pegou a

resina que saiu e levou para casa, no dia seguinte, ele deu a água com a resina para o menino tomar, e esperou até o dia seguinte para ver se iria resolver.

No dia seguinte ele se levantou e foi até a casa do menino, lá ele entrou e viu que o menino já não estava na tarimba (cama). O Pajé ficou meio assustado, mas quando saiu viu que o menino já estava no quintal brincando com alguns gravetos, foi aí que o pajé viu que a resina era mesmo um remédio muito bom e que mesmo Amesca tendo morrido ainda assim ela iria cuidar dos seus filhos e do seu povo. Ele batizou aquela árvore de Amesca e descobriu que ela servia para muitas coisas, inclusive para incenso nos rituais, é tanto que mesmo usando muita Amesca no incenso e exalando muita fumaça, ainda assim, é impossível irritar os olhos, o pajé descobriu que a fumaça não faz ninguém chorar, porque Amesca já chorou tudo o que havia para chorar antes de morrer. A árvore dá frutos doces e são sempre gêmeos os seus frutos, ele se parece com um coração, assim é o pé da Amesca e a sua importância e simbologia para o meu povo.

2.7.2 O Bacurau e a mãe da Lua

Essa história aconteceu há muito tempo atrás, nesse tempo os animais falavam como se fossem gente e viviam sem medo e eram livres. Ali na floresta eles viviam livres e felizes todos juntos, os pássaros, os bichos, peixes, borboletas, plantas, enfim todos os animais. Entre todos esses bichos havia dois em especial, o bacurau e a mãe da lua, os dois são pássaros e bem diferentes um do outro. A mãe da lua era uma ave muito bonita e que todas as noites saía para cantar sob a luz da lua, e ali aproveitava também para se alimentar, porque o que ela tinha em especial ou diferente era sua enorme boca. O grande sonho da mãe da lua era se casar, mas todos que a conheciam não iriam ter coragem de casar com ela com aquela boca grande, os outros pássaros tinham medo que ela pudesse lhes engolir se estivessem muito perto dela. Então, por isso, ela só sai para cantar à noite. Ficava muitas vezes cantando nos troncos de árvores velhas, ou abeira do rio apreciando a imagem da lua cheia que refletia na água do rio. A Mãe da Lua era motivo de piada para muitos ali na mata, ela morria de vergonha de sua enorme boca e por isso já nem tinha tantos amigos. O macaco, então, esse não perdia tempo em fazer graça da sua boca, todos diziam que ela nunca iria casar porque quem iria querer correr o risco de ser engolido. Naquela mesma mata também morava outro pássaro que também passava por sérios problemas com os amigos e era motivo de risos também, o bacurau ou João, ele, coitado já nem saía durante o dia, preferia caminhar pelas estradas durante a noite, para evitar maiores constrangimentos, ele não gostava das suas

penas, pois eram desbotadas e sem graça, ele preferia se esconder e ficar sozinho. Ele caminhava e cantava sempre sozinho e ia seguindo pela mata. Em uma noite dessas a Mãe da lua saiu para cantar e admirar a lua, o bacurau também resolveu sair, a Mãe da Lua estava ali à beira do rio cantando, e de lá do cantinho o Bacurau a escutava e admirava sua voz, tudo isso sem que ela notasse, e como ele estava um pouquinho longe não podia notar todos os detalhes de seu rosto. Ela cantou e cantou durante um longo tempo, e ele ali só ouvindo, mas um animal fez um barulho por entre os galhos e o Bacurau correu sem nem terminar de ouvir o canto, mas ele estava planejando voltar no dia seguinte para apreciar mais um pouco. Na noite seguinte, lá estava ele, e a Mãe da Lua o viu e se aproximou, eles ficaram lá se olhando e se olhando, ele estava diante de uma linda ave, e assim ela também percebeu que estava diante do pássaro que seria seu marido, eles se olhavam e logo perceberam que sentiam algo diferente um pelo outro. Os dias foram passando e todas as noites eles se encontravam e em uma noite desses eles resolveram que iam se casar. No dia seguinte a Mãe da Lua avisou sua mãe sobre o seu casamento, a mãe dela toda preocupada disse: minha filha, ele sabe do tamanho de sua boca? A Mãe da Lua disse que não, então a mãe dela disse: minha filha você não vai dar risada perto dele não, se ele vero tamanho de sua boca ele não vai casar com você não. Então a Mãe da Lua disse que ia ficar caladinha para não correr o risco. O Bacurau também estava preocupado porque as suas penas não eram assim tão bonitas, ele tinha medo que ela não fosse querer casar, então o Bacurau conversou com vários pássaros e os pássaros ficaram comovidos e resolveram lhes emprestar algumas penas, assim ele ficaria mais bonito e teria uma roupa nova para o casamento. Então, finalmente o dia do casamento chegou e toda a mata estava em festa, os animais estavam todos ali reunidos aguardando o momento da cerimônia. A Mãe da Lua chegou toda arrumada e acompanhada de sua mãe, o Bacurau já aguardava, ele estava todo colorido e cheio de penas. Então a dona onça foi logo casando os dois, e todos estavam sentados esperando a hora de comer e enquanto isso o macaco estava contando uma piada. O macaco, vocês já viram, ele é todo cheio de graça, e logo depois da piada todos riram e foi inevitável a Mãe da Lua não rir e assim abrir aquela boca enorme. O Bacurau ao ver tamanha boca, tomou um susto e saiu correndo para dentro da mata. A Mãe da Lua ficou tão triste por ter perdido seu marido, e logo foi para a mata e pousou na ponta de um tronco e ficou ali agora com seu canto triste “João foi foifoifofoi”. E enquanto isso João, o Bacurau, também passou a cantar diferente “Amanhã eu vou, amanhã eu vou, amanhã eu vou...” assim respondendo ao chamado de sua amada. O Bacurau, depois disso, não pode mais andar durante o dia, porque ele saiu correndo com tanta presa que não devolveu as penas dos outros pássaros que ele havia pegado emprestado. Assim, João, o Bacurau, só sai durante a

noite. Eles vivem até hoje cantando e encantando as pessoas, mesmo que seus cantos sejam tristes.

2.7.3 As três irmãs: a aranha, a mosca e a abelha.

A aranha, a mosca e a abelha são irmãs, elas três. A mãe delas estava doente e cada uma morava longe uma da outra. Quando foi um dia, a mãe delas mandou recado pra elas que ela estava passando mal e que era pra elas a visitarem. A abelha falou com a mosca que a mãe tinha mandado recado e que ela estava doente, que ela queria vê-la. A mosca falou que não ia porque ela estava com muito peixe estava salgando peixe, e se ela fosse o peixe dela ia estragar. Então, ela não podia ir. A abelha falou pra ela se era mais importante o peixe dela ou a mãe. Ela falou que não, que ela não podia perder o peixe dela não. A abelha foi para a casa da aranha. Quando chegou lá falou com ela também que mãe dela estava doente e que queria ver ela. Ela falou assim: oh minha irmã agora não dá pra mim ir que eu tô tecendo minha rede e não posso deixar minha rede. Ela falou a mesma coisa havia falado pra mosca também, se a rede dela era mais importante que a mãe. A aranha falou que não podia deixar. Ela falou, eu também estou fazendo meu mel, porém, mais importante é minha mãe, eu vou deixar o mel e quando eu voltar eu termino. Vou visitar minha mãe. Ela foi sozinha e quando chegou lá a mãe dela perguntou pelas outras ela falou assim: oh a mosca falou que não vem porque estava com muito peixe ia salgar o peixe dela se não ia estragar e a aranha falou que estava tecendo, terminando de tecer a rede dela e também não poderia deixar a rede dela. A mãe dela falou: então a mosca, quando ela terminar de salgar o peixe o peixe dela vai tá tudo estragado tudo que ela fazer vai estragar; e a aranha, tudo que ela fazer, vai passar alguém e desmanchar, né, ela nunca vai ter as coisas dela, e você, quando você chegar em casa seu mel vai tá apurado. Quando ela chegou em casa o mel dela estava apurado. Por isso a aranha mais a mosca continuam assim, o peixe estragado está assim de mosca, e a aranha, quando tece a rede dela, passa um e passa a mão desmanchando. Ela nunca conseguiu terminar de tecer a rede dela e nem a mosca essa é aí a historinha das três irmãs.

2.7.4 Araçá cagão

O araçá cagão é uma das espécies que vem nos acompanhando há muitos anos, nós usamos bastante suas folhas e nos alimentamos dos seus frutos. Os mais velhos dizem que

quando as embarcações portuguesas chegaram aqui, os primeiros índios que viram essas embarcações estavam justamente em cima dos pés de araçá cagão, bem lá encima das copas, esses logo desceram e foi avisar os outros índios que estavam próximos dali.

Mesmo os anos terem passado, nós índios ainda temos uma grande admiração por esta árvore, ela ainda é bem usada por meu povo, nós usamos suas folhas para vários tipos de remédios, até as cascas do seu caule nos é útil.

Essa árvore recebe esse nome bem diferente por conta dos seus frutos, quando eles estão bem maduros eles caem e formam uma massa meio bege quase que marrom e que se parece muito com fezes, por isso esse nome de Araçá Cagão.

2.7.5 Cipó de Aviso ou Cipó Cruz de Malta

Esse cipó era muito usado por meu povo como forma de avisar aos parentes quando tinha alguma coisa de diferente ou de errado no meio do caminho, por exemplo, uma armadilha de caça, como o fojo. Os parentes que viam logo compreendiam o sinal, e ao invés de permanecer naquele mesmo caminho ou estrada, eles iam e mudavam. Mas, depois da chegada dos portugueses eles conheceram esse cipó através dos índios e aí resolveram mudar o nome dele porque perceberam que nesse cipó havia um símbolo que se parecia com o que eles carregavam nas velas de suas embarcações. Então, o Cipó de Aviso, como era chamado por meu povo, passou a ser chamado de Cipó Cruz de Malta, mas a função dele ainda continuava a mesma, mas, então, um pouco mais usado porque os portugueses usavam outros índios para capturar os índios que fugia então eles faziam armadilhas para capturar os outros e alguns colocavam o Cipó de Aviso para dizer que ali era perigoso e era para eles fugirem. Este cipó serviu para alertar muitos para não caírem em armadilhas. Hoje, ainda temos esse tipo de cipó, mas só usamos para explicar o porquê do seu nome e dizer que muitos parentes só sobreviveram porque tinham esse conhecimento que foi adquirido com os mais velhos para sobreviverem na mata.



CAPÍTULO 3

A PROPOSTA DO MATERIAL EDUCATIVO ESPECÍFICO PARA A ESCOLA INDÍGENA DA RESERVA: O LIVRO 'CONTANDO AS HISTÓRIAS DO POVO PATAXÓ NA COMUNIDADE DA JAQUEIRA'

Este capítulo se dedica a apresentar minha proposta de construção de como uma história do povo Pataxó pode ser registrada, apresentada e contada em diferentes linguagens.

Ela nasceu a partir do resultado de todo meu percurso acadêmico, e, principalmente, a partir da percepção da importância em deixar marcada nossa memória para a posteridade.

A forma que encontrei, a princípio, foi produzir a contação de histórias orais por meio de um material educativo, mais especificamente, de um livro. A meu ver, ele servirá tanto para o processo formativo na escola, como também, para outros membros da comunidade, e outras pessoas que possam ter interesse por nossas histórias.

3.1 Materiais educativos específicos para escola indígena

No Brasil, ainda temos pouca produção de materiais educativos especificamente voltados às escolas indígenas, em relação à publicação de materiais educativos para as escolas convencionais.

Por isso, vejo a importância em produzir cada vez mais materiais educativos para as escolas indígenas. Especialmente, para a escola em que atuo. Eles podem ajudar na formação educativa em todas as suas dimensões. : porque observei que necessitamos registrar as nossas histórias.

Estou chamando de materiais 'educativos' porque defendo que 'educativo' perpassa pela educação para a vida. E didático, remete a ideia de métodos e técnicas de ensino que podem se reverter somente para um determinado período, uma série, por exemplo. Então, o 'educativo' que proponho aqui contempla metodologias e estratégias também, mas com base na nossa educação própria. Contudo, reconheço que falar em 'educativo' e 'didático' focam diferentes processos de ensino e aprendizagem. Mas, o que quero destacar é a forma de como fazer isso, que em minha opinião, as duas concepções tem caráter distintos, porque, nós povos indígenas, educamos nossas crianças e jovens para a vida, que é embasada no nosso jeito de viver no mundo. E, na medida do possível, mostrar a eles como se vive no mundo fora da nossa aldeia.

Nesse sentido, de acordo com a autora Silva, no artigo “Avanços e desafios na produção de materiais educativos inspirados em pedagogias indígenas”, ela afirma:

Apesar de estar chancelado na literatura especializada e ser mais conhecido como categorias de ‘materiais didáticos’ e também ‘materiais paradidáticos’, neste artigo, são denominamos esses mesmos ‘materiais’ são categorizados como ‘materiais educativos’, porque consideramos que a educação abrange toda a vida, que supõe que os conteúdos podem ajudar a resolver as problemáticas do cotidiano. E não somente o aprender no espaço escolar, que mais tarde esses conteúdos podem ser esquecidos. Entendemos que a reunião de conteúdos ‘educativos’ para a vida também aterrissa o modo de viver de um determinado povo, é dizer, na concretude de sua vida cotidiana, entre outras questões relevantes. Esses conteúdos educativos concebidos dessa maneira adentram e se apresentam na escola, todavia em forma de materiais educativos. Esses materiais contém a compreensão de preceitos históricos que apontam para o futuro. Outrossim, contribui para formar o ser indígena e para formar outras diferentes sociedades sobre a vivência indígena (SILVA, 2012, p. 6).

A autora ainda acrescenta “considerando essa diversidade na trajetória de uma educação dos grupos culturalmente diferenciados temos uma compreensão mais aproximada da importância em construir uma educação diferente que atenda suas expectativas, aspirações, anseios e protagonismo, nesse palco de contradições estatais” (Idem, p. 5).

Em relação ao contexto de produção dos materiais próprios para as escolas indígenas Silva esclarece que:

[...] recentemente, percebemos um deslocamento com mais efetividade na produção de materiais educativos nas escolas indígenas num trabalho conjunto entre professores, estudantes e membros da comunidade. A isso, instaura iniciativas que contribuem para alicerçar um novo paradigma de construção de uma educação escolar indígena própria. Assim, com essas iniciativas coloca a questão, como apontamos acima, num patamar de deslocamento de lugar de produção dos materiais educativos para essa escola diferenciada. E com isso, as escolas não somente recebem materiais que simplesmente podem ser visto como instrumentos estranhos à realidade de dada comunidade, como também começam a substituir esses materiais - que muitas vezes são esquecidos em um canto da escola - por materiais pertinentes às suas realidades singulares, específicas e próprias. Observamos que materiais educativos específicos é uma reivindicação antiga dos povos indígenas. Por isso, em muitas comunidades indígenas [...] a escola está sendo pensada, refletida e ativada coletivamente, e o resultado dessa dessas ações tem servido como base para ajudar a elaborar seus próprios materiais com uma concepção pedagógica que leve em conta iniciativas qualificadas e que já indica uma mudança nos conteúdos adequados, pois são produzidos no seu território, com conteúdos de sua vivência, ou melhor dizendo, no seu próprio lócus e é vista como possibilidade que avança no sentido de subsidiar aprendizagens contextualizadas, situadas e significativas (Ibidem, 2012, p. 12).

Quanto à política de produção de materiais didáticos empreendidos pelo Ministério da Educação, há políticas públicas que estimulam a produção, edição e divulgação de materiais educativos específicos para as escolas indígenas. Entretanto os argumentos de Silva “essas políticas não alcançam a grande maioria das escolas indígenas, portanto, se mostram insuficientes e morosas, e não há um estudo que mostra os impactos desses materiais nas escolas indígenas” (p. 07).

Grillo, citada por Silva, no período de 2003 a 2008 “[...] infelizmente não temos um amplo diagnóstico dessa produção” (SILVA, 2012, p. 8). Essas políticas estão a cargo da Comissão Nacional de Apoio à Produção de Materiais Didáticos Indígenas (CAPEMA), criada em 2005, para incentivar a publicação, edição e difusão dos materiais escolhidos para publicação.

Os financiamentos se materializam por dois mecanismos: 1) Editais de Convocação; 2) Plano de Ações Articuladas (PAR). Ressalta Grillo que as Secretarias Estaduais de Educação também podem solicitar a o financiamento de materiais educativos específicos. Até o momento foram aprovados dois editais, um em 2009, edital de convocação nº 19/2009, que aprovou 43 materiais entre livros, livretos, revista, CD, DVD, filmes, catálogo e cartilhas. O outro edital de Convocação nº 1/2013, sobre esse edital não temos informações concretas. Outra política pública que pretende impulsionar a produção de materiais educativos são os Territórios Etnoeducacionais, criado pelo decreto 6.861/2009. [...] De modo geral, a execução desses materiais é morosa e ainda não atendemos às necessidades das escolas indígenas. Existem ainda iniciativas das Universidades que desenvolvem as Licenciaturas Interculturais¹⁵, com apoio do MEC” (Idem, 2015). E não localizamos nenhum estudo que analisa o impacto ou uso desses materiais nas escolas nas escolas indígenas (GRILLO *apud* SILVA, 2015, p. 8-9).

Em vista disso, minha proposta pretende alcançar e aumentar a produção para as escolas indígenas, primeiramente, no contexto da minha escola. Pois, com a minha pesquisa na comunidade sobre contação de história percebi que os contadores ficaram empolgados para contribuírem com outras histórias do povo, e assim, alimentar essa proposta de produção de materiais educativos e, formato de um livro.

E temos muitas histórias do povo que circulam na comunidade que almejo inserir, posteriormente, com a contribuição dos meus alunos, com outros alunos da escola, outros professores e com os contadores de história. E fazer começar a produzir livros e outros formatos de materiais educativos que possam ser socializados com vistas como um apoio ao processo educativo. “Segue abaixo meu modelo de proposta o livro que é baseado na contação que denomino como ‘livro ‘Contando as histórias do povo pataxó na comunidade da Jaqueira’ e conta ‘a história do bacurau e a mãe da lua’”.



FaE
Faculdade de Educação

UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE EDUCADORES INDÍGENAS
LÍNGUAS, ARTES E LITERATURA



EDITORAÇÃO
Gustavo Tanus

TEXTO e ILUSTRAÇÕES
Ariane Jesus dos Santos

PROJETO GRÁFICO/ARTE FINAL
Ariane Jesus dos Santos / Gustavo Tanus

Esta obra não pode ser reproduzida total ou parcialmente sem a autorização prévia da autora.
Produzida para o percurso acadêmico, sob orientação da Prof. Dr. Josley Francisco de Souza, apresentado à Formação Intercultural de Educadores Indígenas, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, para obtenção do grau de Licenciado em Línguas, Artes e Literatura.

S 231c Contando histórias Pataxó na comunidade da Jaqueira / Santos, Ariane Jesus dos. – Belo Horizonte : Edição do autor, 2016.
10 p. : il.

Inclui nota biográfica.

1. Literatura brasileira. 2. Literatura infantojuvenil. 3. Literatura indígena.
I. Santos, Ariane Jesus dos. II. Percurso FIEI. III. Tanus, Gustavo. Editor.

CDD: 898

A contação de histórias é muito importante para os Pataxó. É por meio dela que são passadas as histórias antigas do nosso povo. No meu percurso acadêmico, dentro da formação de educadores indígenas na área de Línguas, Artes e Literatura, resolvi estudar esse recurso da contação de histórias, em que pude reunir diversas informações sobre ele e muitas histórias.

Sabendo que há uma carência de materiais que possam ser trabalhados dentro da aldeia, para a educação das nossas crianças indígenas, pensamos em juntar, aqui, algumas histórias Pataxó, contadas pelos nossos mais velhos, da aldeia da Jaqueira, como maneira de contribuir com um material que possa ser utilizado nas escolas indígenas.

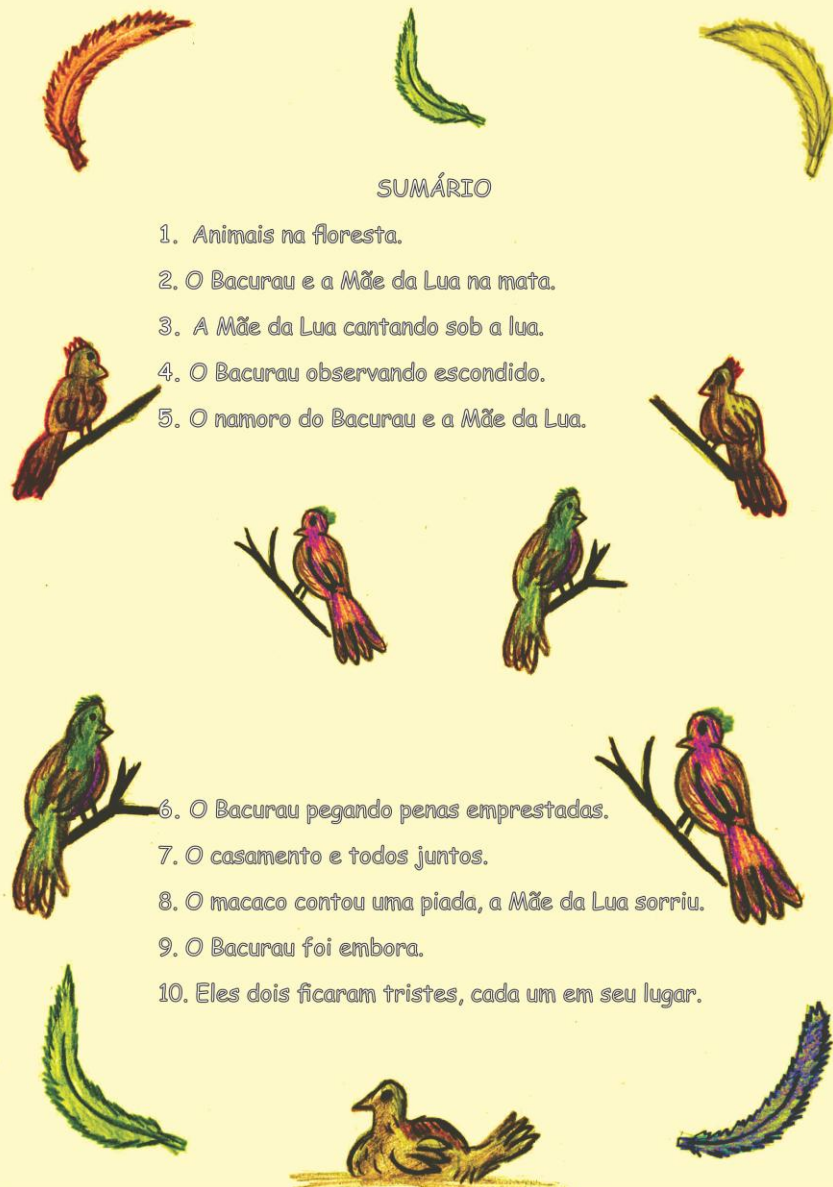
Educamos nossas crianças e jovens para a vida, que é embasada no nosso jeito de viver no mundo. E, na medida do possível, mostrar a eles como se vive no mundo fora da nossa aldeia.

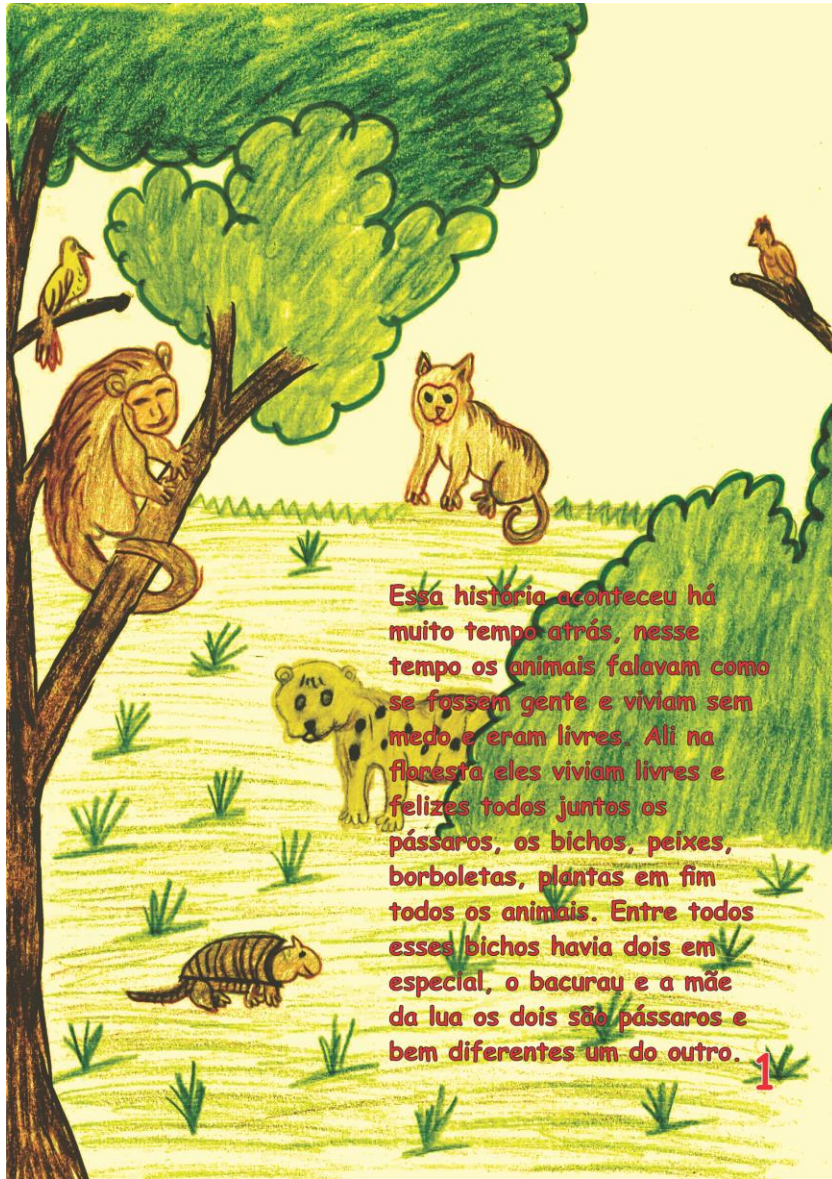
A autora.

SUMÁRIO

1. Animais na floresta.
2. O Bacurau e a Mãe da Lua na mata.
3. A Mãe da Lua cantando sob a lua.
4. O Bacurau observando escondido.
5. O namoro do Bacurau e a Mãe da Lua.

6. O Bacurau pegando penas emprestadas.
7. O casamento e todos juntos.
8. O macaco contou uma piada, a Mãe da Lua sorriu.
9. O Bacurau foi embora.
10. Eles dois ficaram tristes, cada um em seu lugar.






Essa história aconteceu há muito tempo atrás, nesse tempo os animais falavam como se fossem gente e viviam sem medo e eram livres. Ali na floresta eles viviam livres e felizes todos juntos os pássaros, os bichos, peixes, borboletas, plantas em fim todos os animais. Entre todos esses bichos havia dois em especial, o bacurau e a mãe da lua os dois são pássaros e bem diferentes um do outro.

1



A mãe da lua era uma ave muito bonita e que todas as noites saiam para cantar sob a luz da lua, e ali aproveitava também para se alimentar, porque o que ela tinha em especial ou diferente era sua enorme boca. O grande sonho da mãe da lua era se casar, mas todos que a conhecia não iriam ter coragem de casar com ela com aquela boca grande, os outros pássaros tinham medo que ela pudesse engolir eles se estivessem muito perto dela. Então por isso ela só sai para cantar a noite. Ficava muitas vezes cantando nos troncos de árvores velhas, ou abeira do rio apreciando a imagem da lua cheia que refletia na água do rio. A Mãe da Lua era motivo de piada para muitos ali namata, ela morria de vergonha de sua enorme boca e por isso já nem tinha tantos amigos, o macaco então esse não perdia tempo em fazer graça da boca dela, todos diziam que ela nunca ia casar porque quem iria querer correr o risco de ser engolido.

2



Naquela mesma mata também morava outro pássaro que também passava por sérios problemas com os amigos e era motivo de risos também, o bacurau ou João, ele coitado já nem saía durante o dia, preferia caminhar pelas estradas durante a noite, para evitar maiores constrangimentos, ele não gostava das suas penas, pois eram desbotadas e sem graça, ele preferia se esconder e ficar sozinho. Ele caminhava e cantava sempre sozinho e ia seguindo pela mata.

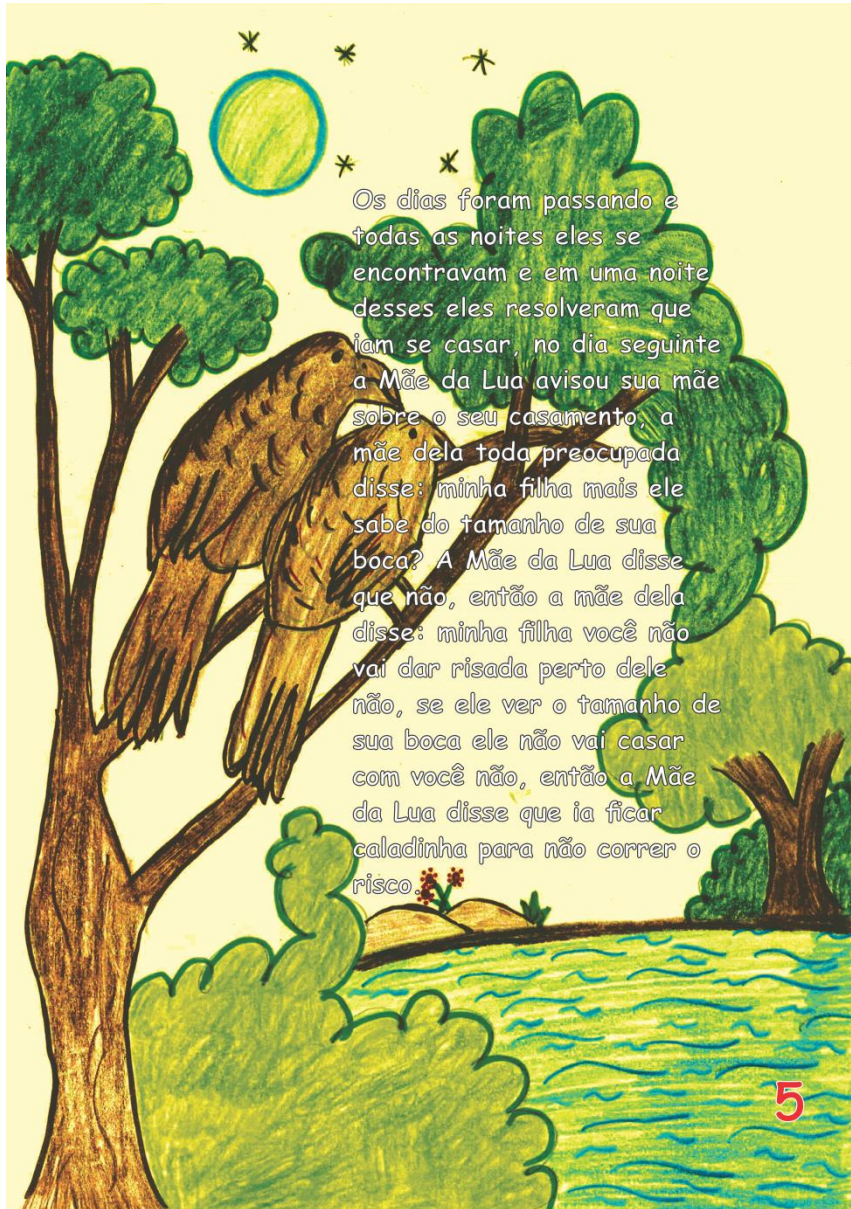
Em uma noite dessas a mãe da lua saiu para cantar e admirar a lua, o bacurau também resolveu sair, a Mãe da Lua estava ali a beira do rio cantando, e de lá do cantinho o Bacurau a escutava e admirava sua voz, tudo isso sem que ela notasse, e como ele estava um pouquinho longe não podia notar todos os detalhes de seu rosto.

3

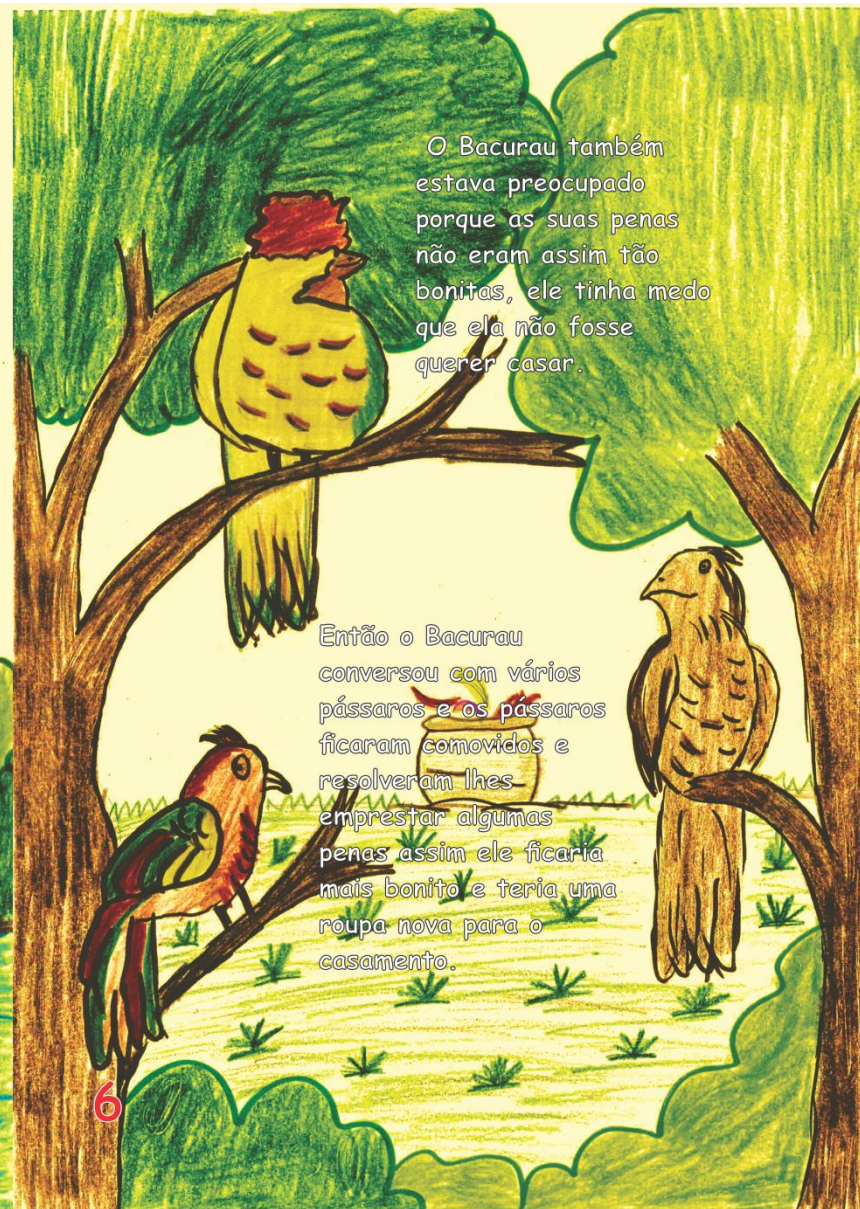


Ela cantou e cantou durante um longo tempo, e ele ali só ouvindo, mas um animal fez um barulho por entre os galhos e o Bacurau correu sem nem terminar de ouvir o canto, mas ele estava planejando voltar no dia seguinte para apreciar mais um pouco. Na noite seguinte lá estava ele, e a Mãe da Lua o viu e se aproximou, eles ficaram lá se olhando e se olhando, ele estava diante de uma linda ave, e assim ela também percebeu que estava diante do pássaro que seria seu marido, eles se olhavam e logo perceberam que sentiam algo diferente um pelo outro.

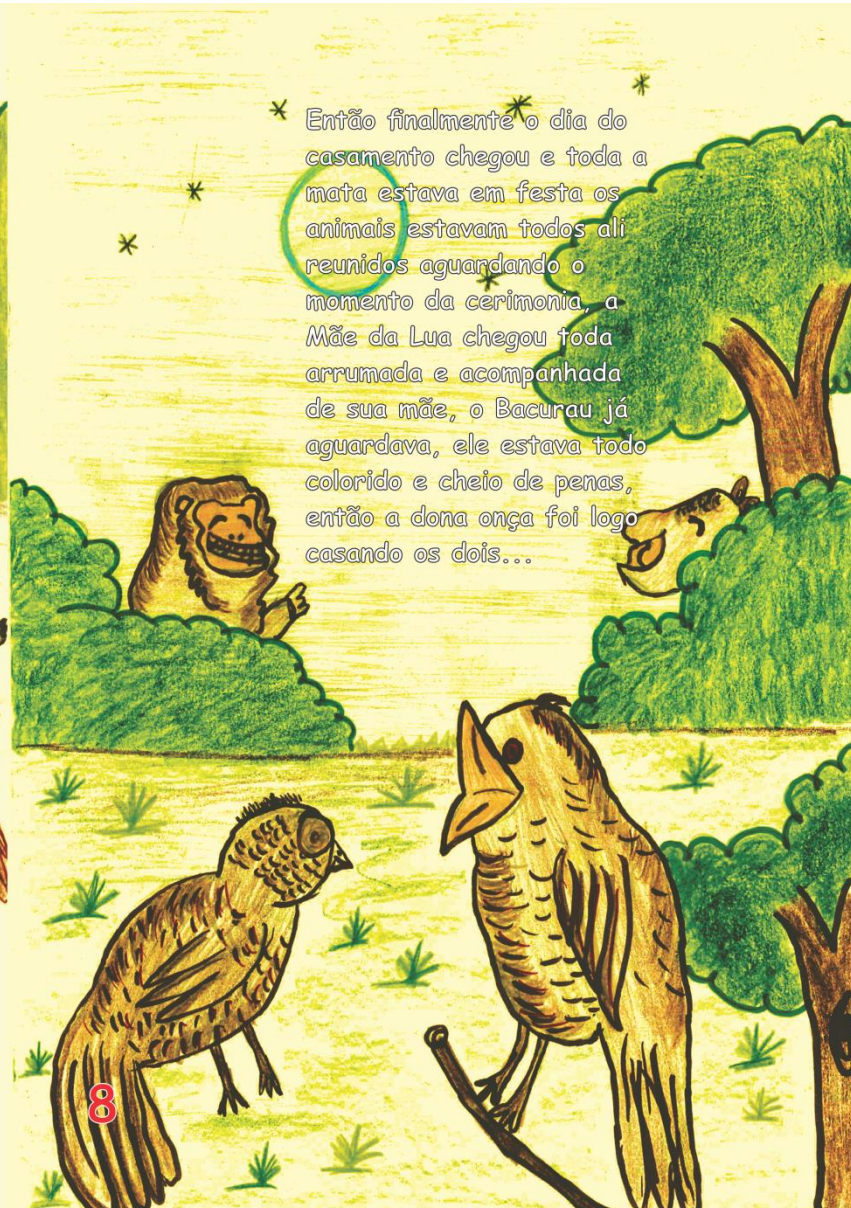
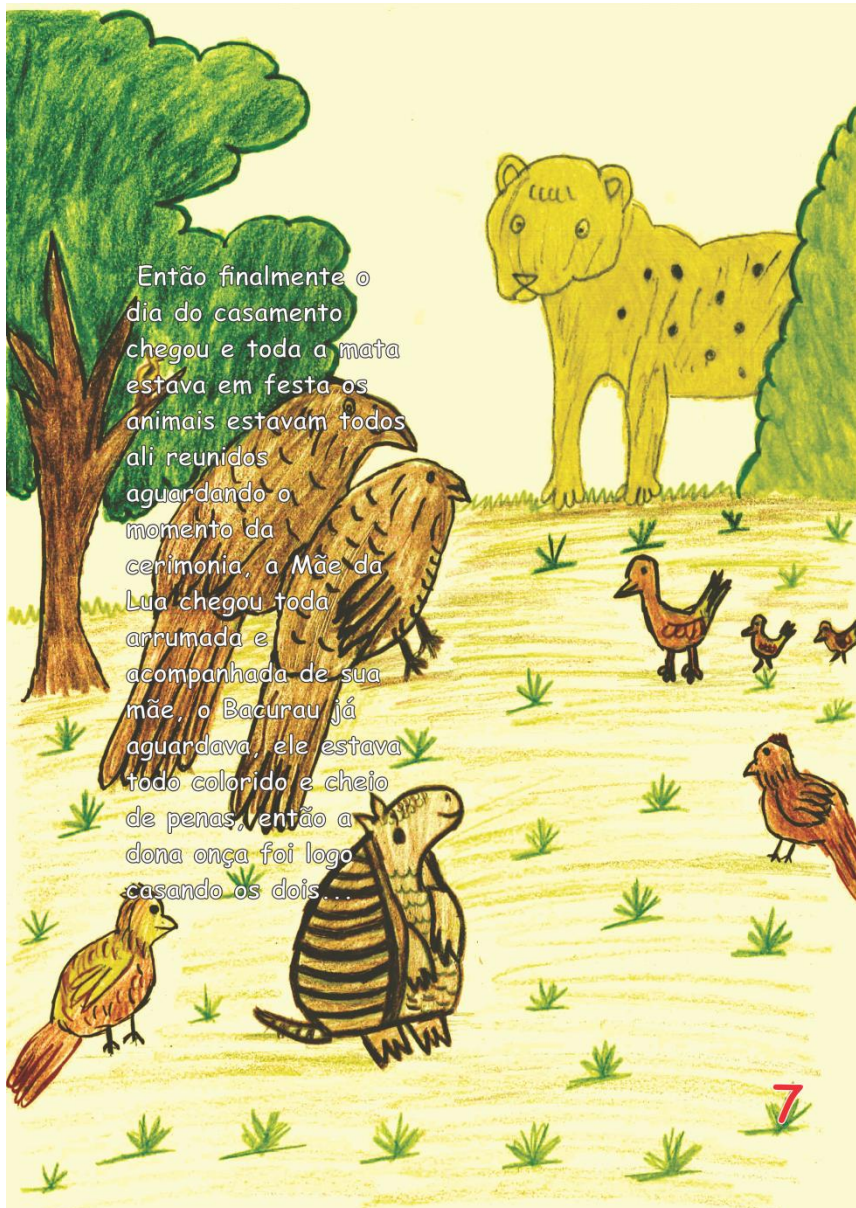
4



5



6



© Bacurau ao ver tamanha boca,
tomou um susto e saiu correndo para
dentro da mata.



A Mãe da Lua ficou tão triste
por ter perdido seu marido, e
logo foi para a mata e pousou
na ponta de um tronco e ficou
ali agora com seu canto triste
"João foi foifoifofoi". E
enquanto isso João o Bacurau
também passou a cantar
diferente "Amanhã eu vou,
amanhã eu vou, amanhã eu
vou..." assim respondendo ao
chamado de sua amada, mas o
Bacurau depois disso não pode
mais andar durante o dia,
porque ele saiu correndo com
tanta presa que não devolveu
as penas dos outros pássaros
que ele havia pego emprestado,
assim João o Bacurau só sai
durante a noite. Eles vivem até
hoje cantando e encantando as
pessoas, mesmo que seu canto
seja triste.





Ariane Jesus dos Santos é professora indígena da Escola Indígena Pataxó da Jaqueira, onde ela trabalha com a alfabetização e letramento literário das crianças pataxó. Ela é estudante do curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas, pela Faculdade de Educação da UFMG, onde ela está se licenciando em Línguas, Artes e Literatura.





CONSIDERAÇÕES FINAIS



Faço aqui algumas reflexões que aprendi sobre a contação de histórias na comunidade da Jaqueira.

Meu objetivo de trabalho foi entender e analisar as contações de histórias que ainda circulam na comunidade, e assim incentivar as crianças e os jovens a se interessarem mais por essas histórias do povo Pataxó, visando fortalecer a cultura e a identidade étnica e produzir material educativo específico para contribuir para a circulação da contação de história.

Quando estou junto com as pessoas da comunidade, nós contamos muita coisa, muitas histórias que fazem parte da história do povo Pataxó. Nesses momentos, na roda de conversa contamos as histórias. Por exemplo, de terror são as que eu gosto mais. E também tenho mais medo. Nisso, as pessoas que estão conversando gostam de ouvir, acrescentam também o depoimento das suas experiências vividas. Pois, há aquelas pessoas que sabem mais ou que já viveram muitas coisas, por isso, tem algo a complementar. E também conto as histórias na escola com minha turma de alunos.

Reforçando, percebi que são muitos os locais onde acontece essa contação de história, acontece nas rodas de conversas *nokijeme* central (nas palestras), na escola, na trilha, no caminho indo para rio, no caminho quando fazem a coletas de sementes, quando estão preparando a terra para fazerem mudas, quando se faz a palestra para os visitantes, quando falta energia, quando o povo se reúne para prostrar, entre outros. Mas percebi também, que na maioria das vezes, são as mesmas pessoas que contam e poucas as que escutam.

Assim, vi a importância em estudar esse tema para reforçar meu entendimento do nosso mundo, através da contação de história. Pois, elas constituem elementos que incorporam nossos conhecimentos, que muitas vezes estão dentro da gente e a gente nem percebe.

A contação de história pode nos ajudar a compreender muitas coisas do nosso mundo porque elas carregam nossos conhecimentos através do tempo. Uma das contribuições do meu trabalho foi me permitir a ter um maior contato com as histórias do meu povo. Muitas delas

estão sendo esquecidas ou adormecidas e precisam ser recuperadas, precisam estar viva dentro de nós!

Com base no que observei, as crianças e os jovens que ouvem as histórias são despertados para a curiosidade e a imaginação criadora, e ao mesmo tempo, têm a chance de adquirir os conhecimentos da cultura porque as histórias estão contornando essas histórias. Abrir mais os olhos para os nossos lugares sagrados. Bedran argumenta que acontece o encontro do imaginário com o mundo de personagens que são diversos pertencentes à história do povo, sejam elas tradicionais ou contemporâneas (BEDRAN, 2010, p. 15)

O autor Mellon acrescenta “contar histórias nos mantém em contato com forças que podem ter sido esquecidas, sabedorias que podem ter esmaecido ou até mesmo desaparecido e esperanças que caíram na obscuridade.” (MELLON, 2006, p. 13).

Dessa maneira, vi que uma das formas que pudesse dar mais vida a essas histórias e talvez recuperar algumas já esquecidas ou que estão adormecidas foi elaborar uma proposta de livro, cuja finalidade primeira é para fazer circular as histórias na escola; segundo, na nossa comunidade, e mostrar que a educação indígena e a educação escolar indígena podem caminhar juntas, quando os temas são permitidos e não é restritivo ao povo.

Para tanto, as memórias da nossa história podem movimentar os conhecimentos da contação de história na escola. O livro que proponho pode servir de material educativo. Apesar de ser apenas uma ilustração, ele pode ganhar corpo com a colaboração, principalmente os contadores de histórias, em especial os anciãos que contam seus conhecimentos sobre as a oralidade através dos tempos, que contém muito das nossas histórias no nosso povo com muito gosto. Além disso, vejo que devemos aproveitar para pesquisar as histórias com os anciãos enquanto eles estão vivos, porque quando vão para o *Ithorã*, eles levam essas histórias com eles, e com, isso, nós perdemos muito dessas histórias. Nossa cultura perde, perdemos a oportunidade de conhecer melhor as histórias antigas e as atuais, na visão deles.

Intitulado de "contando histórias pataxó na comunidade da Jaqueira", o livro conta, com escolha da contação de história do 'bacurau e mãe da lua', para marcar que a história parte da cultura Pataxó e ela está presente na nossa comunidade. O propósito do livro é que ele sirva para contribuir com o processo educativo na escola e traga subsídios efetivos para um ensino e aprendizagem contextualizados, levando em conta o que acontece na nossa realidade da Jaqueira. Penso que produzir materiais educativos específicos para a escola indígena reforçam nossa educação própria, e também pode contribuir e repercutir nas outras escolas indígenas e demais escolas da sociedade nacional.

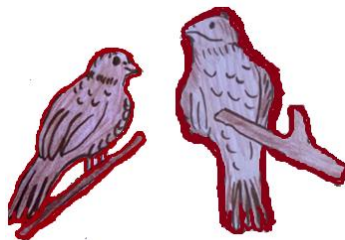
Constatei também nesse trabalho que a cultura que cerca nossas histórias está sempre em reelaboração, por que os tempos mudam e nós acompanhamos as mudanças desses tempos. Com o pensamento que a cultura está enraizada no nosso modo de viver o mundo. Vejo que compreendo isso, o rumo que seguimos nos tempos nos será apontado com mais harmonia e conhecimentos.

Na minha pesquisa fiz um mapeamento dos lugares onde mais são contadas essas histórias, e isso foi possível ouvindo, também, as histórias dos monitores nas trilhas da comunidade. São lugares que carregam a ideia de fronteira. Como falei acima as fronteiras da contação de histórias são dissolvidas porque a contação de história não acontece, como mostra este estudo, em um único lugar, mas em vários locais da comunidade. Recorro à noção de fronteira de acordo com Tassinari (2001 p. 65), porque permitem a quem escuta a contação de história “perguntarem e escute outros saberes para interpretá-los de formas variadas”, de com que os contadores expressam as histórias.

A autora ainda defende que os espaços de fronteira são “como espaços de trânsito, articulação e troca de conhecimentos, assim como espaços de incompreensões e redefinições indenitárias dos grupos envolvidos nesse processo, índios e não índios” (Idem, 2001, p. 50).

Essa fronteira dissolvida também se pode pensar para as pessoas que não fazem parte da nossa comunidade, por exemplo, dos parentes de outros lugares que recebemos na aldeia, dos visitantes que visitam a comunidade, entre outras ocasiões. Uma questão importante que gostaria de ressaltar é que os lugares em que as pessoas da comunidade contam as histórias, nem todos eles são permitidos o acesso aos visitantes, porque temos nossos lugares sagrados.

E finalmente, tenho ainda muitas histórias do povo pataxó que consegui registrar, mas que nesse trabalho não foi possível colocar todas elas. Porém, essas poderão compor a proposta do livro aqui apresentada. Pois minha intenção é que esse livro possa ser cada vez mais preenchido pelos conhecimentos da contação de histórias. E tudo isso contorna pela nossa cultura.





REFERÊNCIAS



BEDRAN, B. M. *Ancestralidade e contemporaneidade das narrativas orais: A arte de cantar e contar histórias*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Arte) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Arte (PPGCA), Universidade Federal Fluminense (UFF), Instituto de Arte e comunicação Social. 2010.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em Educação*. Portugal: Porto Editora. 1992.

BOMFIM, Anari B. *Patxôhã, “língua de guerreiro”*: um estudo sobre o processo de retomada da língua Pataxó. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2012.

CARVALHO, M. do R. O Monte Pascoal, os índios Pataxó e a luta pelo reconhecimento étnico. Salvador, *Caderno CRH*, v.22, n.57,: 2009. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792009000300006&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 jan. 2016.

CASTRO, M. S. M, de. *A reserva pataxó da Jawuira: o passado e o presente das tradições*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade de Brasília. 2008.

CUNHA, C. *Escritores indígenas falam da importância da literatura nativa para a educação das crianças*. Disponível em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/49758>>. Acesso em: 03 maio2016.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LITTLE, P. E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. Série Antropologia, Brasília, 2002. Disponível em: <http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/PaulLittle__1.pdf>. Acesso 04 abr. 2016.

MANUAL DAS ATIVIDADES DE ETNOTURISMO NA RESERVA DA JAQUEIRA. Aldeia Pataxó Da Jaqueira. Rio de Janeiro: Museu do índio - FUNAI, 2011.

MELLON, N. *A Arte de Contar Histórias*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2006.

SAHLINS, M. “O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um ‘objeto’ em via de extinção”. *Mana*, v. 3, n.1, p. 41-73; n. 2, p. 103-150, 1997.

SAMPAIO, J. A. L.. Breve história da presença indígena no extremo sul baiano e a questão do território Pataxó do Monte Pascoal. Belo Horizonte, *Caderno de História*. v. 5, n. 6, jul. 2000.

SILVA, F. da. *Contação de história e desenvolvimento da criança*. Tocantins: 2008. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/contacao-de-historias-e-desenvolvimento-da-crianca>>. Acesso 4 abr. 2016.

SILVA, L. J. da. *As ações educativas dos intercâmbios culturais em contexto indígena: estudo de caso do Povo Pataxó da aldeia Muãmimatxi, em Itapecerica-MG*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2012.

SILVA, L. J. da. Avanços e desafios na produção de materiais educativos inspirados em pedagogias indígenas. *Anais do congresso Internacional de Americanistas, 55ICA, Conflictos, paz e identidade nas Américas*. San Salvador, julho de 2015.

TASSINARI, A. M. I. *Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação*. In: LOPES DA SILVA, Aracy; FERREIRA, Mariana Kawall (Org.). *Antropologia, História e Educação: a questão indígena e a escola*. 2 ed. São Paulo: Global, 2001.

VARGAS, L. Contaçon (definição). Rio de Janeiro: 2008. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/conta%C3%A7%C3%A3o/>>>. Acesso 2abr. 2016.

VILHENA, L. dos S. *A Bahia no Século XVIII*, Livro II. Salvador: Editora Itapuã, [1759], 1969.

WIED-NEUWIED, M. *Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1989.

